

# ENSAIOS LITTERARIOS

DO

## ATHENEU PAULISTANO.

---

*N.º 2. — Setembro de 1852.*

---

A Associação ATHENEU PAULISTANO acaba de solemnizar a sua inauguração no dia natalicio da —Independencia do Brasil.

A escolha deste dia tão celebre, e grandioso na historia da humanidade, que vio levantar-se das terras de Cabral um povo soberano, e digno dos respeitos das Nações cultas, é mais uma prova dos sentimentos patrioticos, que felizmente animão os corações da geração moderna.

O dia SETE DE SETEMBRO fez brilhar nas plagas Brasilienses o sol da liberdade, e o jugo colonial tão audaz na rotina do seu passado curvou-se para sempre, porque foi lançado nos abysmos do Atlantico.

Era um facto na verdade fecundo em resultados para a nossa historia patria, o primeiro de todos, que fazem vulto nos factos dos nossos acontecimentos a—Emancipação do Brasil,—mas elle devia ser aproveitado com prudencia, pelos esforços dos vindouros, e merecia por sua magnitude um futuro digno d'elle.

As proporções gigantescas do novo Imperio Americano, o clima benigno, e variado, que percorre suas vastas regiões, a fertilidade, e os recursos do seu sólo, tudo predizia, que o Basileiro seria intelligente e social, cavalheiro, e patriotico, hospitaleiro e magnanimo.

Apenas ha passado 30 annos, e ja começou a sulcar o nosso territorio a roda da civilisação impelida pelo espirito de associação, que favorece as grandes emprezas, e com ellas os melhoramentos do nosso mercado.

Mas só a intelligencia tem podido fazer conquistas duradouras que perpassem os seculos tempestuosos, e resistão aos embates da anarchia; pois bem, esse periodo brilhante, que promette tantas glorias, ja despontou no horisonte da —Patria,— e seu nome será indelevel na memoria da posteridade.

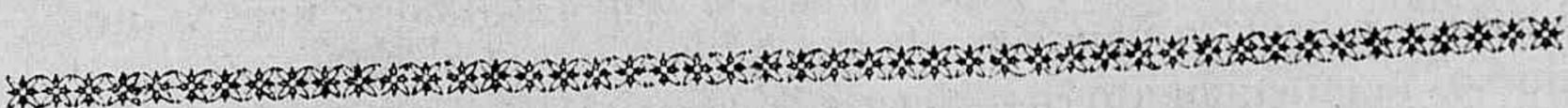
A fundação de duas sociedades litterarias nesta Capital, que correm debaixo dos titulos de —ENSAIOS PHILOSOPHICOS— e —ATHENEU PAULISTANO,— ambas dirigidas, e sustentadas por

jovens academicos animados dos mesmos sentimentos, e aspirações, e a publicação de tres periodicos litterarios, que se dedicão ás letras, e á sciencia bem mostram as bellas disposições da —mocidade brasileira.

A Associação ATHENEO PAULISTANO vio sorrir-se-lhe um futuro esperançoso, electrizado pela unção do mais vivo entusiasmo, que resumbravão os discursos, e poesias recitadas no seu recincho, e do patriotismo, cujas recordações excitadas pelo hymno nacional, e pelos vivas á —Independencia do Brasil— nos levavão ás margens venturosas do Ypiranga.

Assim esta Associação Scientifica, e litteraria, harmonizando o amor da liberdade politica com o da sciencia, o da dignidade pessoal com os interesses legitimos da intelligencia depoz no altar da —Patria—seus cultos, e homenagens.

Discursarão os Srs. Francisco Gomes dos Santos Lopes, Presidente effectivo, Antonio Ferreira Vianna, orador, Manoel Antonio Duarte de Azevedo, digno representante dos ENSAIOS PHILOSOPHICOS, a quem votamos cordiaes agradecimentos, e José Maria Corrêa de Sá, e recitarão poesias os Srs. José Bonifacio de Andrada e Silva, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, José Diogo de Menezes Froes.



### **Discurso com que o Sr. Francisco Gomes dos Santos Lopes, Presidente effectivo da Associação —Atheneo Paulistano—abrio a sessão inaugural da mesma Associação.**

Meus Senhores, á imagem de Deos foi feito o homem e á imagem do homem deve ser feito o Estado.

Ha trinta annos, um Principe Magnanimo, ouvindo as vozes dos benemeritos do Brasil, inspirou-se nos campos do Ypiranga, e trasbordando de eloquente entusiasmo deixou cahir estas propheticas palavras: — *Independencia ou morte!* .... Tremulou entre as Nações o pavilhão auri-verde; embalsamou a athmosphera o incenso queimado á liberdade, e um novo templo se erguêo para render-lhe culto e prestar-lhe homenagem.

*Independencia ou morte!* ... pelos ares resoou. O despotismo envergonhado de suas proprias miserias fugia espavorido, e sem combate abandonava o campo. As montanhas e valles, os mares

e rios, as choupanas do pobre e os palacios do rico repetião a voz magica do Ypiranga. Ao ouvi-la os filhos do Brasil despertavão ; seus corações palpitavão; nas veias borbulhava o enthusiasmo, e acudião ao brado da patria que os chamava a pelear. Nem se quer se arregimentarão e ja o despotismo corria e corria com a velocidade do raio: pallido de medo o covarde só tinha coragem para a fuga.

Eil-o de mar em fóra sem queimar uma escorva ou manejar uma espada. Eis-nos senhores do campo sem derramar uma gota de sangue. E mais um trophéo de gloria ennobreceu a santa causa da liberdade que atravez dos seculos lentamente caminha, mas sempre victoriosa e avançando sempre sem recuar um passo, porque justifica-se no tribunal da rasão para sobre os corações assentar o seu throno. Estalarão as cadêas que nos rouxeavão os pulsos; tivemos o Estado, e o Estado a liberdade.

Voltae agora as vistas para os cursos de sciencias Sociaes e Juridicas, de Mathematicas, de Marinha, e para as faculdades de Medicina do Imperio. Vede como se multiplicão, e umas após outras se vão elevando as Associações scientificas e litterarias. O Instituto Historico e Geographico do Brasil, a Academia de Medicina, a sociedade Auxiliadora da Industria Nacional e a sociedade Velloziana levantão-se gigantescas. Notae finalmente como se propagão as idéas, dissemina-se a instrucção e cresce quotidianamente o numero dos jornaes scientificos, artisticos e litterarios, á cuja frente fulgura e brilha o Guanabara. E' a intelligencia que desperta; que pouco á pouco se ergue de seu leito de infancia e que nelle se move. E' a intelligencia que irmã da liberdade á sua sombra germina e viça. E' á ella que vindes offerecer fervoroso culto, mas em templo humilde e modesto que levantaes; é perante ella que se curva o ATHENEO PAULISTANO, cheio de amor e devoção.

Escolhestes o anniversario da Independencia para a installação desta sociedade; pois bem, ungi-vos do santo amor da patria e vossos animos não arrefecerão; dae intelligencia á liberdade e liberdade á intelligencia, e o ATHENEO PAULISTANO fructificará. Concorrei á sombra e sob a protecção dos grandes exemplos para fazer o Estado á imagem do homem; como elle seja livre e como elle tenha tambem intelligencia. Assim como o homem caminha para Deos, caminhe tambem o Estado para o homem; este não chegará, é verdade, a ser Deos; e aquelle subirá até a perfeição do homem ? Não sei; mas diz-me a rasão que no banquete do infinito sentar-se-hão á mesa Deos, o homem e o Estado.

Está aberta a sessão.

**Discurso recitado na sessão inaugural do  
—Atheneu Paulistano—pelo orador dessa  
associação o Bacharel A. F. Vianna.**

SENHORES.—A Historia, esse grande escudo onde os povos vão burlar suas soberbas façanhas, modêlo das gerações posteriores, e sua verdadeira herança, tinha já recolhido em seu brilhante disco os nomes heroicos e tradicionaes de uma nação de gigantes. A Grecia altiva pelos Socrates, Aristides, Epaminondas e Platão, tinha como que offuscado as glorias do passado, e superado o modêlo que a Historia lhe legara. Sublime como o firmamento, inimitavel como a criação, alta-nada como a gloria, tinha a Republica Romana escripto nas fachadas de seus templos, nas cupulas do Capitolio, e no estadio de suas glorias, os caracteres de Bruto, Cincinnato e Catão. Expira a antiga idade, as épochas se alongão e se escurecem nas trevas da mythologia; todavia seus heróes intactos como a virtude passão de geração em geração, que vergadas de respeito ainda hoje lhe tributão hymnos de admiração e completas apothecoses. As modernas gentes correm á porfia para gravar com o escôpro da immortalidade os emblemas gloriosos, que tem de representar diante dos vindouros suas virtudes e seus triumphos, e certificar-os que sua vida não forão momentos perdidos nas ondas dos vicios, nem nos gelos da inercia. O Imperio do Brasil ainda adolescente abriu nesse extenso escudo, não as figuras, que despertão a recordação das sangrentas lutas, mas a simples e monumental configuração de um homem, que resumio toda a historia de sua liberdade e heroismo, que semelhava á Socrates e Platão na profundidade dos conhecimentos, á Aristides na practica constante da virtude, á Bruto na austeridade de costumes, e na regidez de character, á Catão no amor da liberdade, e á Cincinnato na força do patriotismo. Minha missão hoje é narrar a historia da patria, narrando a de um homem. E como poderei eu desempenhar bem a honrosa e difficil tarefa, que me foi confiada? A exiguidade de meus talentos, a grandeza do assumpto não vos offerecem garantias alguma, e se não fôra a obrigação que me corre, a benevolencia, que sempre encontro, quando vos fallo e a particular bondade, que vos distingue, eu sem duvida não me resolveria á tão laborioso empenho, deixaria dentro do circulo acanhado de meu peito as fortes emoções, que costumão tomar corpo em minha alma no faustoso dia da Independencia de nossa patria. E vós, Senhor, que na qualidade de presidente effectivo revestido de altos talentos e de meritos Academicos dirigis a illustre associação — Atheneu Paulistano, — que devorada por louvaveis sentimentos consagra este dia á devoção da liberdade, concedei-me vossa preciosa attenção.

O atrevido Genovez já tinha rompido os densos horisontes, que ce-

cultavão ao mundo antigo a existencia de um continente, que se julgava fabuloso. A Europa inteira contempla com pasmo esse nauta sublime, que devassando com a mente as regiões elevadas da verdade tinha firmado em seus duros estudos a convicção de uma terra, que fôra creada para equilibrio do globo, azilo da liberdade e fontes do entusiasmo e da vida, que se tinham enregelado nas abobodas frias do calculo e de uma politica mesquinha, que forçava as potencias da Europa á lutas interminaveis e sem resultado humanitario. O amor da riqueza tinha embotado as consciencias dos povos, que emigravão para a America—d'aqui data a perseguição de uma raça, á quem pretendião impôr novas crenças e novos habitos ; em vão ella luta, suas armas erão imperfeitas como sua civilisação; sua estrategia inefficaz como sóe ser a d'aquelle, que tem uma alma pura e as intenções sinceras. Seus Deoses penates são esmágados pela avareza, seus templos derrocados pela perseguição, era em fim esse povo fulminado pelo fanatico despotismo, como o fôra o Occidente n'aquelles tempos, em que milhões de raios lançados pelos Vandalos o tinham talado.

Felizmente porêm aquelles, que dormião no céo sereno de nossa patria, vivião tranquillos, não concedores das armas de um povo egoista ; mas ah ! de repente as tempestades arrojão a nossos mares a esquadra que devia conquistar o Oriente, era Pedro Alvares Cabral que, fugindo dos ventos ponteiros da Costa d'Africa, antolhava um imperio que, ligado a Portugal, tinha de ser sua mais importante colonia—era a descoberta de um paiz precioso, e rico, onde Portugal depois de decahido, e inervado por uma governança impotente, tinha de tirar remedios a seus males, e linitivo á suas finanças desacreditadas ; de um paiz onde encontraria uma monarchia frouxa e timida pelo poder do canhão, e da coragem, um seguro asilo para escapar ás pretenções do homem genio, que collocando-se superior aos thronos, tinha santificado a força, mostrando qual o predominio de uma tenaz vontade.—Sim, era a descoberta de uma nova Italia, que abrindo os braços receberia em seu seio uma realeza foragida da patria, que ardia em chammas, subjugada pelo inimigo, e privada da liberdade !

E qual foi a direcção que Portugal deu a um tal paiz, qual os meios que empregou para enriquecel-o, e civilisal-o ? Ah ! Senhores ! Uma politica extravagante e inepta de dividir o Brasil em Capitánias, e suggestal-as a donatarios que tinham interesses exagerados a realisar, ambições particulares a satisfazer, sem nunca attender ao bem geral, poderia uma tal divisão feudataria offerecer garantias de prosperidade, e grandesa ? !

As riquezas naturaes do Brasil tomão vulto na Europa, as potencias accendem suas ambições, e a Hollanda essencialmente maritima arma uma forte esquadra para a conquista, e daqui uma guerra heróica que foi terminar gloriosamente nos Guararapes. A metropole ainda nesta

luta pronunciou-se negligente, e fraca com a colonia, a quem durante uma tão prolongada guerra nenhuns soccorros enviou, e se o astandarte da victoria grimou-se altivo nos Guararapes, foi por força dos bravos, que bem arremedárão Gregos, e Romanos.

Augmentava a importancia e civilisação do Brasil, e a Europa, erguendo orgulhosa a frente, tinha proclamado a guerra sublime ao despotismo, e ás idéas atrazadas que procuravão sua origem e explicação nos seculos escuros de uma idade que já lá foi. A liberdade voltou de sua perigrinação, e foi sentar-se nos thronos dos reis, ahi elevada pelos povos que em a força da gloria e do triumpho a endeosárão.

Era a liberdade pois o unico soberano dos povos, o principal motor de seus actos, o anjo de vida e perfeição, o garante do progresso e da felicidade. Os homens publicos não levantavão suas vozes nas assembleas sem se occuparem della, os tribunos a conjuravão para a destruição dos grandes e dos potentados, o Sacerdote lhe offerencia todos os dias os sacrificios do povo, em fim ella tinha fervorosos adoradores no altar da patria.

Todas estas idéas tinhão abalado o mundo, o enthusiasmo pela liberdade tinha atravessado as ondas, e mais puro e glorioso animou os filhos da America, que erguendo-se gigantes, ameaçavão a emancipação ás metropoles. A luta travada entre a Grã-Bretanha e os Estados-Unidos produzio o feliz resultado da Independencia d'aquella nação, que hoje é uma poderosa patria para a liberdade e democracia; no Brasil tambem se fez ouvir o grito de Independencia, mas as fileiras dos patriotas são desconcertadas pelo terror da mais brutal ferocidade, e os auctores de uma tão louvavel pretensão, ou morrem oppressos nas paredes dos carceres, ou exilados no paiz das séras, ou finalmente no patibulo enxovalhados pelos vencedores. Erão novos martyres, que devião juncar a terra, e fertilisal-a com seu precioso sangue,

A sabia Providencia tinha demorado a realisação da Independencia do Brasil para collocar á sua frente um homem, que qual cauteloso nauta dirigisse a náo do Estado a um porto de salvação e de bonança, para collocar á sua frente um homem, que nos arrancando da servidão não nos arrojasse aos mares, violentos das paixões onde lutão os interesses e vive a anarchia.—José Bonifacio de Andrada e Silva, nascido em Santos aos 13 de Junho de 1765, filho do coronel Bonifacio José de Andrada, tal é o gigante que nos appareceu no dia da horrivel disputa, em que nós livres buscavamos sacudir o jugo do despotismo da metropole—seu braço nos trouxe a victoria.

Recommandavel pelos seus talentos e perspicaz intelligencia — seu pai o dedicou á vida das lettras. Em 1803, qual outro Cicero, que demandava a Grecia para ahi beber todos os conhecimentos, e passal-os para Roma, foi José Bonifacio para Europa, onde na então acreditada Academia de Coimbra coberto de louvores, e admirado por seus pre-

ceptores se formou Bacharel em Canones e Sciencias Naturaes. O conde de Linhares, respeitavel estadista, creou duas cadeiras na Universidade de Coimbra, e encarregou a direcção de ambas ao distincto Brasileiro. (1) Revestido da toga de desembargador, elle preencheu com honra o importante encargo. Em quanto Bonaparte arrastava o canhão por toda a Europa, mirando avido para a gloria, José Bonifacio a percorria em busca da sciencia, e nestes tempos tumultuosos em que todos estavam fascinados pelos triumphos de um homem, elle entretinha-se no aperfeiçoamento das sciencias naturaes, já ouvindo as doutrinas do grande Lavoisier que reformava a chimica, já animando relações, e mesmo observando a natureza com Chaptal, Abbade Hauy, Abrahão Werner, Volta e outros que como elle se distinguão nesses importantes trabalhos. Suas obras são lidas e apreciadas pelos sabios—tão perfectas e profundas, que lhe darião por si só um nome immortal nas letras, e no meio das grandes intelligencias.

Longa, e por de mais trabalhosa tinha sido sua viagem por toda a Europa (2), e apesar do grande nome que tinha adquirido, e das honrosas amizades dos homens illustres do mundo scientifico, não se esqueceu da Patria, da familia, e de sua provincia natal, e como de mais e mais se avivasse esta saudade, em 1819 voltou para o Brasil e foi tranquillo descançar no regaço de seus parentes, e conterrancos — queria ahí viver vida desconhecida e de sabio.

O Brasil que augmentava immenso desde a vinda do El-Rei D. João VI, pelo decreto que facultou franco commercio estrangeiro com todos os seus portos, e pela elevação de Reino unido em 1815; com a queda do Imperador dos Francezes, e volta do Rei, vio como que escaparem-lhe todos os elementos de sua grandesa e prosperidade. Uma Côrte audaciosa, e impolitica exigia a retirada do Principe regente, e outras mil obrigações decretava, que collocarião o Brasil no antigo estado de escravisamento. Em balde o cidadão Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva despeja ondas de eloquencia que rolão com a sublimidade do magestoso Amazonas, embalde o authocrata da tribuna abate os inimigos da sua patria com a força de sua palavra, — como vencer se elle fallava á razão trahida pelo mais reprehensivel egoismo!

---

(1) Estas duas cadeiras são annexas á faculdade de philosophia natural — uma de methalurgia, e outra de geognosia.

(2) O Duque de Lafões, intimo amigo de José Bonifacio, e apreciador de seus talentos, com sua influencia lhe deu assento na Academia Real das sciencias, e igualmente fez com que o Estado lhe facultasse os meios de realizar uma viagem na qualidade de Naturalista, com seu patricio Manoel de Arruda Camara. Nesta brilhante viagem elle se deu a conhecer em toda a Europa como um grande sabio, e o Rei da Suecia conhecendo seus exactos conhecimentos sobre Methalurgia, lhe offereceu a direcção das minas do seu reino porêm elle não acceitou, dizendo—que tinha uma patria, e que não a abandonaria para servir á qualquer outro paiz.

(1) E' em tão criticas circumstancias que José Bonifacio abrasado pelo fôgo santo do amôr da Patria, corre á Côrte do Rio de Janeiro, e em nome da junta de S. Paulo, pede ao Principe D. Pedro desobediencia ás ordens do parlamento Portuguez, é então que elle dirige o timão do Estado na qualidade de Ministro das relações externas, e do reino, e seu irmão o probo Martim Francisco Ribeiro de Andrada e Silva, ministro de finanças—era o primeiro passo para a Independencia.

As côrtes tornão-se excessivamente exigentes na execução de suas ordens, o espirito do povo agita-se, José Bonifacio e Martim Francisco no conselho de ministros deliberão a Independencia do Brasil, e envião cartas ao Senhor D. Pedro, então em S. Paulo, declarando-lhe a sua resolução ultima;—mostrão-lhe a gloria de um Principe, que concede a liberdade a seus povos, e apontão-lhe a sublimidade de um throno Americano que promettia um futuro brilhante, e a direcção de um Estado, que talvez um dia corresse á frente do progresso com o estandar-te da civilisação. A liberdade de um Imperio estava nos labios deste magnanimo Principe, e elle reunindo em si os sentimentos do povo, e tomando a voz de uma nação inteira bradou em 7 de setembro de 1822 nas colinas do Ypiranga — Independencia ou morte — ! erão cadeias seculares que se esbroavão, era uma união pesada e atrasadora que se rompia, era uma nacionalidade que ia brilhar,—era um brado electrico que levado pelo Anjo da Liberdade á todos os angulos do Imperio ia acordar um povo immenso, como o fizera o grito de salvação do Santo Sepulchro soltado no Vaticano, e repercutido em todo o mundo Christão, —era o triumpho solemne da — Liberdade — , era o apparecimento de uma historia onde se devião exagerar actos inimitaveis de heroicidade, era finalmente uma nação que se alevantava orgulhosa no meio de todas as outras. Martim Francisco, Antonio Carlos, Ledo, Rocha, Cunha Barbosa, Paula Souza, e outros—erão coruscantes estrellas que alargando a esphera de luz e magestade elevarão-se á altura dos Céos, girando no espaço immenso da immortalidade, e volteando sempre obedi-entes o sol radiante, que os continha em harmonia, e os animava com seu calor—tal o patriarcha de nossa liberdade.

Mas esses mesmos homens que tinham arriscado a propria vida pela patria, forão arrojados por uma politica impopular ás praias do extran-

---

(1) Exaltado como então se achava o parlamento Portuguez, elle decretava a abolição de todos os tribunaes judiciarios, que para maior regularidade da administração, e felicidade para os Brasileiros tinha criado o Senhor D. João VI; Antonio Carlos oppõe-se á estas vexações com toda a força de sua palavra. Oh ! que dias gloriosos não teve esse Mirabeau Brasileiro ! Elle não cessou de fazer opposição á tantas arbitrariedades até que ameaçado pela colera, que se tinha armado de punhaes, e vendo que a opposição feita pelos representantes do Brasil seria inutil contra uma maioria apaixonada retirou-se com todos os Brasileiros para a Inglaterra, onde formularão um protesto contra a força que os peava no exercicio de seus direitos de representantes do paiz.

geiro, o exilio foi a recompensa de seus relevantes serviços! Oh peripécia das grandezas mundanas, aquelles que ha bem pouco ousados campeões da liberdade tinham desencadeado um povo de escravos, e espancado as densas trevas do servilismo, — arvorado o pavilhão da Independencia, vão mendigar o pão em estranhas gentes!

Tal é o distinctivo dos heróes — Aristides é foragido da patria por que era justo, Annibal corre de côrte em côrte, de paiz em paiz para buscar socego, que Carthago sua patria lhe negava, Scipião não obtém um buraco em Roma para descansar seu cadaver, Colombo pendura os grilhões em seu esquisse, Dante, Milton e Camões morrem torturados pelo desespero de uma atroz perseguição.

Perdoai Senhores se quiz recordar-vos melancolicos factos neste dia de jubilo, e de universal contentamento, a dôr me arrastava, era um grito de vingança que me estalaria o peito se por ventura não lhe dêsse expressão n'este dia de tanta gloria. Prasa aos céos que debaixo dos auspícios da liberdade, da patria, e do honrado cidadão, que coroado de louros civicos dirige o Atheneu Paulistano, elle possa medrar e desenvolver-se, prasa aos céos que o amor da Independencia seja o seguro alicerce desta sociedade, que tanto nos promette.

E vós, Brasileiros, rompendo o ar infectado, e frio do egoismo subi ás alturas do enthusiasmo que hoje nos inspira a bella recordação de uma época gloriosa, que tombou no occaso, mas que reverdece todos os dias em nossos corações livres, e patrioticos, levantai no altar da patria hosannas aos obreiros da magnifica obra de nossa emancipação, e repeti ao mundo inteiro como os bravos de outr'ora, — INDEPENDENCIA OU MORTE. —



## DISCURSO

**Recitado na sessão inaugural do Atheneo Paulistano pelo orador do Ensaio Philosophico o Bacharel Manoel Antonio Duarte de Azevedo.**

— — —

Senhores:—Quando mil brindes se fazem á uma existencia que começa, quando mil vozes se erguem para inaugurarem um busto, que não terá de symbolisar uma grande idéa, não seremos nós os uni-

cos que guardem o silencio na mesa do festim. O —Ensaio Philosophico Paulistano,—annuindo ao vosso convite, tambem se apresenta para saudar-vos. A gloria e prosperidade do —ATHENEO PAULISTANO!

Ha momentos na existencia do homem, senhores, em que elle sente a vida refluir-lhe ao peito, o coração estremecer de arrebatamento, e como que um sonho de amores roçar-lhe pela imaginação—puro e sereno, como as aves brancas pela face lisa da lagôa. E' quando peregrino no ermo, encontra o passageiro que o chama de irmão. Não foi ao menos sentineilla perdida pelo campo depois do dia do combate—a ouvir apenas responder-lhe ao grito solitario de vigia alguma voz longinqua que perde como ella, ou o murmurio do vento da meia noite pelas cobertas das tendas em que todos dormem. Foi o caminheiro que cantava as suas trovas, quando á beira da estrada alguém lhe disse de perto:—bem, iremos juntos, e cantaremos ambos.

Ha tres annos, senhores, que o—Ensaio Philosophico Paulistano—vivia de trabalhos e de esperanças, porém só—como a aguia pescadora pousada no tronco da palude: vio muitas vezes pela sua cabeça estallar a tormenta, mas passada que fosse, sacudia as suas azas humidas da chuva, levantava o seu vôo e adejava sempre. E' agora somente que cheio de contentamento elle vê a seu lado apparecer um companheiro de viagem, para com elle compartilhar as lidas e as glorias.

O espirito de associação, esse poderoso motor do desenvolvimento e do progresso derramado por todos os povos civilizados, ha tambem tocado o coração da mocidade brasileira: o indifferentismo de cada um vai cessando pelo bem de todos, e cada qual procura concorrer com o seu contingente de illustração e de talentos para a marcha da civilisação do paiz. E é ja tempo, senhores, em que sacudindo dos hombros a capa humida e rota com que nos cubrirão os nossos maiores, tomemos novo manto e nos preparemos para melhor jornada. E é ja tempo, senhores, em que divisando o futuro que se nos antolha como a estrella da alvorada, caminhemos para elle como para a nossa Jerusalem. Caminhar, e caminhar sempre, seja a nossa divisa: não aquella imposta ao amaldiçoado de Deos para estontear atôa pela terra sem achar destino; mas aquella prescripta ao cavalleiro da cruz para cumprir a sua tarefa de christão. Longa e penosa terá por certo de ser a nossa cruzada, mas no termo da viagem teremos não o resgate de um sepulchro, mas a conquista de um throno.

Ja creio, senhores, que vai longe de nós esse espirito mesquinho e acanhado da nossa primeira civilisação: parece que o sol ardente da America tem por fim retemperado esses corações que se haviam gelado com o frio de alem-mar. Começamos a comprehen-

der que somos outro povo, que a nós cabia a realisação do nosso destino, que o nosso nome se não ligava a nacionalidade alguma estrangeira. Mas parra o conservar-mos illeso, senhores, é mister que nunca esmoreçamos, que sustentemos a nossa posição de guardas avançadas do progresso, para que a posteridade, folheando o livro do passado, diga de nós:—cumprirão ao menos a sua missão; não forão como os clarões do relampago por noite de tempestade, que brillão por instantes e depois desaparecem, ou como os nevoeiros de um dia de inverno que somem-se aos primeiros raios do sol.

Boa estrella vos fade, senhores! O dia de hoje seja para vós um estímulo. Lembrai-vos sempre de que inaugurastes a vossa associação no anniversario das vossas liberdades patrias: Deos queira que canteis as vossas glorias com o grande hymno da independencia. O grito do Ypiranga, soltado por aquelle coração magnanimo que nos veio dar uma patria, hade sempre resoar em vossos peitos, despertar-vos sempre a idéa e o fim da vossa reunião, lembrar-vos da magnitude da vossa tarefa, e do muito que convem fazer em prol da terra do Brasil. Avante sempre, e o futuro será vosso, e a patria bem dirá de vós, que acordastes cêdo para trabalhar por ella.

Quanto a nós, que ainda não descancamos, e que tambem não podemos esmorecer, só desejamos uma folha da vossa virente corôa, para com ella remoçar o nosso festão.

União e amor—entre a mocidade brasileira, e acabaremos a cruzada com honra e gloria!

7 de setembro de 1852.

---

**Cartas ao auctor dos artigos — Ensaios — na  
« Revista Litteraria. »**

SEGUNDA CARTA.

Illm. Sr.—Comprometti-me a levar ao vosso conhecimento as duvidas de que sou victima pela leitura de vossos artigos. Conheço a *indiscrição* e a impertinencia do compromisso, porque, não sendo ignorada a vossa bondade, indulgencia e amôr pela propagação das luzes, é certo que soffrerá a sciencia o prejuizo de alguns instantes que ides gastar em dar-me explicações. Sinto-me porêm tão abrasado pelo fôgo vivo da descrença que em minha alma accendestes, que no febreitar

da imaginação tenho supposto o espaço uma caldeira em que arde o universo em fusão, e onde fui precipitado com eterna vitalidade; no delirio da razão tenho considerado os tormentos que soffro como punição de crimes de que não me accusa a consciencia, e tenho dito: collocado o universo inteiro em uma das conchas da balança da justiça, e n'outra o peso de meus crimes, o universo voará aos céos como a balla de um canhão por ventura á prumo.

N'este viver attribulado rói-me o coração o desejo de descanso e repouso, de paz e tranquillidade de espirito, de que innocentemente me privastes, e esqueço-me do interesse da sciencia; definha-me a sêde de crença, e continuo a ser-vos importuno.

Em vossa opinião a universalidade é um dos caracteres da Philosophia e vos serve de texto a citação que fazeis do Sr. Cousin, d'onde deduzis que a Philosophia é a reflexão, ao que accrescento « qualquer que seja o seu objecto », porque em vão procurei limites que não marcastes.

Assustou-me uma tal doutrina; admirou-me que chamasseis philosopho o Chimico que reflecte para decompôr os corpos, o Mathematico que reflecte para resolver problemas, o Botanico que reflecte para classificar uma flôr e o Medico que combinando os symptomas da molestia tambem reflecte para chegar á diagnósis; e finalmente baldados tem sido os meus esforços para comprehender como se reduz a Philosophia á uma operação do espirito, tão peculiar á esta sciencia, como á outra qualquer. Explicai-me estas difficuldades, e sobretudo destrui a contradicção que a vossa Hermeneutica impõe ao philosopho que afogaes em incensos arabicamente perfumados pelo vosso talento, com estas suas palavras: a philosophia é a aristocracia do genero humano.

Julgo que vem tambem á proposito pedir-vos a harmonia desta phrase: *a Philosophia é a reflexão*, com esta outra: *a Philosophia é a intelligencia*. A ultima parece-me muito mais lata porque abrange o desenvolvimento espontaneo que a primeira repelle.

Abristes talvez ao acaso Jouffroy no lugar, em que fallando do senso commum, diz: « é uma segunda Philosophia anterior á propria-mente dicta »; e absorto na contemplação da idéa fechastes immediatamente o livro, porque logo na terceira linha seguinte elle assim se explica: « ha pois dous votos sobre as questões que interessão a humanidade, o do vulgo e o dos philosophos.... »

Chamamos exclusivismo a absorvencia de todas as sciencias que a antiguidade fazia na Philosophia, e, para esmagar os tempos que já forão, invocaes em vosso appoio o Sr. Cousin quando energicamente se pronuncia contra a guerra que muitas vezes fazem as sciencias umas ás outras. Ainda não pude comprehender a conveniencia da qualificação porque estou na ignorancia das sciencias, a cujo respeito se dava exclusivismo na Philosophia antiga, e porque a synonymia de *absorver* e *excluir* não me parece auctorisada. Tão profunda e methaphysica é a

relação entre a vossa these e o Sr. Cousin que abandonei o intento de perceber-a ; e para satisfazer o meu espirito já fatigado traduzi-a por esta equação : luz = abstruz. Não tenho a vaidade de ser vosso interprete fiel porque estaes á cima de minha intelligencia, e nem campo tambem por Mathematico : sêde pois indulgente para com a minha traducção.

Pensei sobre a divisão da Philosophia que adoptaes, e pareceu-me incompleta porque não abrange as questões ontologicas. As relativas ao homem e á Deos conjecturei que encarcerastes na Psychologia e Theodicéa ; mas as que concernem á materia.... tiverão uma sentença de banimento !

Persuadido de que não collocaes na Psychologia emperica a ontologia do homem, disse comigo : a Psychologia racional a consente em seu seio ? Duvidei, reflecti e ainda não sei decidir entre a vossa opinião e este trecho do Sr. Cousin : « a Psychologia racional é a sciencia « do absoluto como idéa, ou em sua relação com a razão. (1) A Ontologia é a sciencia do ser, é o conhecimento de nossa existencia pessoal, do mundo exterior e de Deos. » (2)

Se a Theodicéa é a sciencia que tracta ontologicamente de Deos, porque razão não admittis tambem uma sciencia especial para a ontologia do homem e outra para a da materia ? Dai-me alguma que me escapa talvez porque rastejo pelo mundo e não sei erguer-me as alturas.

E' para vós incontestavel que é parte da Philosophia a sua Historia ; e tambem será parte do mundo a sua historia ? Se concordaes dizeime : aniquilado o mundo, aniquila-se tambem a sua historia ? E se não, dizei-me ainda : porque razão é o principio verdadeiro n'um caso, e não em outro ? Referis á actualidade a divisão da Philosophia que teve a felicidade de merecer a vossa sympathia, mas certamente não quereis fallar nos Srs. Cousin, Jouffroy e Damiron que não compartilhão os vossos sentimentos.

Será verdade que a Psychologia dá a conhecer o *Eu* como substancia e causa ? Vós o affirmaes, mas eu, que respeitando a auctoridade das maiores cabeças philosophicas a considero sciencia de pura observação, fico em duvida porque não sei como se observão substancias e causas que não são phenomenos empiricos nem racionaes.

Não ha conclusão sem premissas ; e quaes são as do raciocinio pelo qual se adquire o conhecimento do *Eu* que, segundo dizeis, se obtem por conclusão ? Apresentae-as porque fareis uma grande revolução no mundo scientifico se não envolverem uma petição de principio.

(1) V. Cousin, Cours de l'histoire de la Philosophie moderne, première série, tome II.

(2) V. Cousin, Fragments philosophiques, quatrième édition, préface de la deuxième.

É o vosso nome se engrandecerá ainda se esclarecerdes o sentido deste trecho de vossos artigos que não me é dado adivinhar : « os que dizem ser impossível o estudo d'aquillo que nem os sentidos, nem a observação apprehendem, ou reconhecem uma verdade e querem illudir-se pelo fanatismo, ou a não reconhecem e desdenhando o seu estudo põe de parte conhecimentos vastos e sublimes. Aos sectarios da primeira hypothese devemos dar uma desculpa respondendo trancidos de compaixão, porque tendo em sua mão a chave de um segredo, a despresão em seu orgulho ; aos da segunda ainda compaixão, mas tambem uma acre censura, pois affirmão o que não conhecem nem estudão. »

Alcunhastes de syllogismo esta fórma de argumentar : ha observações ; logo não ha tal phantasia como querem os nossos adversarios, e ha mais alguma cousa do que eloquente expressão ; mas os mestres de Logica chamão enthymema a argumentação em que está occulta a maior ou menor ; havei-vos portanto com elles.

Formastes da Logica uma sciencia só de raciocinio ; e qual é a da inducção, observação etc ? Encantou-vos talvez esta parte da diffinição Kanciana ; *sciencia formal do raciocinio* ; e por ella sem mais reflexão alguma modelastes a vossa. Kant é a maior e mais robusta intelligencia da Philosophia moderaa ; fizeste portanto uma escolha como era de esperar da vossa critica depurada.

Mas a idéa que tendes da Moral desmente o vosso character Kanciano e derroca os mais solidos alicerces da theoria dos imperativos porque fazeis consentir esta sciencia tão sublime em traçar deveres e descrever a parte mais essencial do homem, menospresando de um modo tão fragante a razão pura pratica, ou antes condemnando-a á um mero officio de traçar deveres e descrever a liberdade. Interessa-me a vossa opinião, e por isso vos pergunto : são deveres ou descrições da liberdade a solução moral da immortalidade d'alma e o principio do merito e demerito, ou não são do dominio da Moral ?

O Sr. Cousin deu esta noção da Moral : « é a sciencia do dever e dos deveres » : que grande motivo vos levou a excluir a primeira parte ? Tudo isto ignoro e dezejo saber.

Sem deixar lugar ao menos á mais leve suspeita de restricção collocaes na Philosophia Deos, o homem e a natureza ; e certamente por engano chamaes o Sr. Damiron para com sua auctoridade sellar a veracidade de vossa proposição. Não vos condemno por isso porque sei apreciar o vosso enthusiastico amôr pela liberdade que não contemporisca com o despotico systema das restricções ; e porque ninguem póde isentar-se da fallibilidade humana.

Tendes descoberto em vossas lucubrações, e ouvido explicar que ha no homem aparelhos que tendem a formar seu completo organismo ; e então proclamão os physiologistas a existencia no homem de um magnifico

*systema nervoso que o põe em contacto com o mundo externo, que o faz conhecer, sentir e querer.* Estas descobertas vos annuncião um futuro brilhante ; e a proclamação dos phisiologistas por occasião de haverdes descoberto e ouvido explicar que ha no homem esses apparelhos é um feliz presagio da aureola de gloria que vos está preparada.

Forjastes contra o materialismo um terrivel argumento sob a influencia do Sr. Damiron e auspicios de Laromiguiere. Tivestes porém muito pouca deferencia para com elles porque acceitastes a formula de um e as idéas de outro sem fazer menção de nenhum. Desta vez não vos mostrastes discipulo de Damiron que tem a modestia de citar Laromiguiere.

Enganei-me quando disse que argumentastes sob a influencia de Damiron e auspicios de Laromiguiere ; elles vos insprarão apenas ; e com a mente affoguada por esse divino calôr concebestes uma manobra tão bem executada que de hoje em diante não ousará o materialismo nem se quer empunhar as armas. Permitti-me que a transcreva : « o corpo  
« A toca em um dos conductores, o corpo B em outro ; o corpo A pro-  
« duz a idéa C, o corpo B a idéa D : de maneira que nesta linguagem  
« geometrica temos dois termos que não podem igualar-se—temos dois  
« choques oppostos produzindo duas idéas oppostas : poderá haver har-  
« monia, comparação e idéa em fim ? » Desta vossa doutrina se conclue necessariamente que todas as idéas tem uma origem unica ; que uma não póde ser da razão, outra da percepção externa porque então apparece opposição e é impossivel a harmonia. Será possivel que tão depressa se esvaecesse o vosso ecclletismo, e o raneôr á Philosophia exclusivista ?

Não menos revolucionario é este outro argmeunto : « por outra te-  
« mos o corpo A de côr vermelha, o corpo B da mesma côr ; mas por  
« effeito da optica apresenta-se alterado : os raios vitacs transmittem  
« as impressões ; desenvolve-se o centro que jurando na fé dos sentidos  
« ha de affirmar duas cousas sendo a mesma : ora o axioma diz:— non  
« potest simulesse, et non esse — d'onde se conclue a impossibilidade  
« da formação da idéa. » A este raciocinio é mais adequada esta conclusão : logo os sentidos não podem enganar.

Descobristes no principio de contradicção uma virtude que até agora jazia ignorada : até aqui dizia-se : não póde haver contradicção entre o ser e o ser, entre o parecer e o parecer. Mas pareceu-vos estreito o circulo e ampliando-o dissestes : não póde tambem haver contradicção entre o ser e o parecer.

Dizeis que os materialistas não são igualmente felizes na sensibilidade ; outrotanto digo de vós. Julgaes impossivel a simultaneidade do prazer e dôr ; pois bem, *probat* o assucar e ao mesmo tempo comprimi o braço ; e depois communicae-me o resultado.

As affecções dolorosas fazem, é verdade, desapparecer as agradaveis

e *vice-versa*, mas sómente nos casos em que a intensidade de umas é superior á de outras em gráo tal que se concentra em um só ponto a actividade inteira ; e uma semelhante concentração rarissimas vezes tem lugar.

Pretendeis demonstrar a falsidade da theoria materialista da *sympathia* ; mas nem Diogenes com sua lampada seria capaz de deparar com um só de vossos argumentos porque o mais tenaz dogmatismo vos domina ; e só dizeis : « quantas vezes não se dão todas as proporções « para uma atracção, entretanto ha repulsão e *vice-versa*. » No vosso pensar a materia é *uma alavanca do primeiro gráo com que o homem põe-se em contacto com o mundo externo*. Salvando a redacção, ainda fica a mais interessante diffinição da materia que tenho visto. O mundo externo de que fallaes não é certamente o metaphisico, mas o physico que é a mesma materia ; de sorte que a vossa diffinição reduz-se á esta : a materia é uma alavanca do primeiro gráo pela qual o homem põe-se em relação com a materia.

Admira-me que tão pouco dissesseis sobre o *Eu* ; e adoptastes uma opinião decisiva sem os fundamentos precisos. Por isso, pedindo-vos primeiramente a devida venia, vos aconselho que procureis conhecer a censura que á opinião do Sr. Cousin sobre essa questão faz o Sr. Lerminier em suas cartas philosophicas á um Berlinez.

Fico a espera da vossa resposta com anciedade ; e convencei-vos de que duvidas reaes atormentão o

Vosso collega.

*Santos Lopes.*

S. Paulo 17 de setembro de 1852.



## OS INDIOS;

SUA CATECHESE E CIVILISAÇÃO NOS PRIMEIROS TEMPOS DO BRASIL.

### I.

A lei providencial do Christianismo ainda não tinha na velha Europa aquella expansão e propagação, que só deve terminar no fim dos seculos ; sua aurora, que se ostentou logo tão radiante

e bella ao sahir do seio da Divindade humanisada em Bethlem, e despida do involucro terreno no Calvario, um pouco que se ofuscarã no turbilhão das crenças oppostas — no profligar do erro, porque os Apostolos só empregavão a palavra, e os descritos a espada—porque a Palestina, esse ponto solemne e sanctificado de onde se houvera derivado para o mundo a religião do Crucificado fundada na paz e mansidão, foi transmudada em campo de batalha, onde se offerciam em holocausto ao Cordeiro sem mancha horrosas hecatombes humanas—o atroz morticínio dos pelejadores. Mas, apoz disso a cruz asteada por destemidos sectarios da Fé, que se lançavão por entre a barbaria europêa, e a lança em riste dos paladinos da meia-idade dissiparam colligadas a nevoa da incredulidade, que esmorecia o brilho da doutrina do Deos vivo, fazendo-a radiar deslumbrante e triumphadora.

A missão do Christianismo apenas resfolgava do seu estrenuo lidar contra a coalição obstinada do gentilismo e bruteza do senhorio feudal, que avassallava a Europa; ainda ali mal se despontavam os primeiros arreboes da civilisação solta das cadêas da meia-idade pela mão devastadora dos barbaros do Norte quando a idéa fixa—o tão ruminado pensamento de Colombo —de deparar com uma nova senda para a Asia, diversa da já conhecida; rivalisando dest'arte em constancia e audacia com Vasco da Gama, e invejoso de suas glorias, lançou-se a provações ainda vacilando no vago de probabilidades, que pela insciencia dos tempos mais resolviam negativamente do que lhe dessem vislumbres de certesa para o successo de suas assiduas lucubrações.

Colombo em pesquisa da Asia por outra trilha que não a já descortinada, imaginando que ia camiuhô das regiões orientaes, deparou com a America. Procurava outro seguir para o Nascente, e quando em cabo de tanta fadiga affrontou terra, pensou enxergar as Indias. Era o Novo-mundo que tinha encontrado, que se lhe ostentava com toda a sua magnificencia selvatica—em toda a sua sublimidade primitiva; era esse continente, que tantas vezes se lhe havia figurado em suas profundas meditações cosmogonicas como entreposto ao Oceano e ao hemispherio já perlustrado, para que em preceito das leis phisicas se mantivesse o equilibrio entre estes dous elementos, e, actuando uma perenne reacção, houvesse obice aos derramamentos oceanicos (1).

E' nesse ponto que nullificou-se na America o dominio absoluto, exclusivo que a natureza mantinha sobre o homem das sel-

(1) It appeared likewise extremely probable, that the continent, on this side of the globe, was balanced by a proportional quantity of land in the other hemysphere.

vas; e esse homem em face da civilisação, embora ainda tão aca-nhada e mesquinha, ainda mal subtrahindo-se á prepotencia do barbarismo, que por tanto tempo a esmagara, e a impulso de um movimento instinctivo manifestou por actos sua inferioridade na escala dos seres racionaes discriminando nas vestes e atavios da casta branca os despojos da natureza vencida, e em suas armas as que empregára nessa luta formidavel.

O momento dessa illusão, dessa fascinação de idéas, que na apoucada intelligencia do Americano creára a audacia e a ostenta-ção de poderio de Colombo e seu sequito armado; quando o abalo subito e, si se quer, o terror causado pelos invasores predispoz em seu espirito tendencias para qualquer susceptibilidade, e como que preparou-o para qualquer impressionamento, ou pôl-o em coacção moral; esse momento era, por sem duvida, o mais convinha-vel para incutir, insinuar-se em sua commovida intellectualidade os preceitos do Christianismo; não esse Christianismo guerreiro, de severa catadura e arma em punho, etendo por divisa a cruz, e por letrá o—*cré ou morre*—, que na Europa e na Asia campeou ovante apoz o exterminio de raças, e cercado de matanças e devas-tações; mas, o genuino sacerdocio da Fé, a suave e insinuante doutrina do Deos de paz e de clemencia, que perdoa o erro, con-fraternisa os homens, e os mune de fortaleza só para a conquista das virtudes. E esse momenfo foi perdido para a iniciação da Fé, para o começo da civilisação dos Indigenas do Novo-mundo, e só apro-veitado para o apresto da luta que se ia pelejar naquellas regioens.

Não outro pensamento, que o de fruir com pouco de mister os primores do Oriente e suas riquezas, foi o que preponderou na vontade dos sequazes de Colombo a se arrojarem a descommunaes animosidades—como eram as de, atravez de certas vicissitudes e perigos, affrontarem invios mares—as incertezas do Oceano em pes-quiza de um novo caminho para o procurado continente, que por diverso trajecto ja enchia a Lusitania de seu ouro e especiarias: e em provança de tal, que se aprecie seus frequentes motins por se não deparar logo com a terra cubiçada, suas violentas voci-ferações contra seu chefe, que altaneiro a tudo, e constante em seu proposito, oppunha-lhes essa sobranceria, que é só partilha do homem da sciencia sobre a gente ignara.

E' captivado desse pensar que o sequito de Colombo pisa a terra da America ainda impolluta da planta europêa; e para o que lhe augmentava a afouteza o assombramento de seus habitadores ins-pirado por objectos tão estranhos, e mais que tudo a profusão do ouro, que tão cubiçado era pelos invasores, quanto desprezado pe-los Indigenas: e seduzidos por essa abastança de riquezas mal-cui-dadas, para apprehendel-as esquecem-se que sam homens em pre-

sença de outros, tomam a ferocidade do tigre, que vê sua prêa arrebatada, e a ferro e fogo exterminam toda uma raça, que se sujeitara ao seu alvedrio, e cujas tendencias e manifestações eram bem significativas para a esperança de prestes renuncia ao seu viver selvatico, antepoendo o Christianismo á idolatria.

A invasão das Indias orientaes e sua conquista absorviam unicas as attensões dos Portuguezes; sequestrava-lhes suas faculdades, aliás tão predispostas pela escola de Sagres para empresas maritimas, o mesquinho anhelos de, subjugando aquelle continente, ser-lhes mais comeseinho o goso de suas riquezas, a fatuidade de preponderarem em tão longinquas paragens. Adstrictos a esse exclusivo pensamento repelliram elles com desdem o assombroso facto do recente descobrimento do Novo-mundo, que atrahia a admiração das principaes potencias da Europa, e as preoccupava de validas esperanças; e nesse intuito animavam-se as empresas sobre a Asia—dispunham-se armamentos contra ella, uns apoz outros, havendo-se antes dado de mão ás lides cavalheirosas de *romper lança em Africa*, que tão ruinosas foram para o Reino-luso, e onde ostentavam-se deploraveis animosidades no fito de subtrahir ao mahometismo os seus sectarios. A essas empresas sobresahiu a que fôra capitaneada por Pedralves Cabral ja pelo crescido numero e audacia dos que a tomaram a peito, ja pelo prestigio cortesão daquelle chefe, o que asaz valia nos tempos da vassallagem.

O medo de cahir nas praias inimigas e aparceladas da costa occidental d'Africa, que suscitava a insciencia da navegação para o Oriente pelo Cabo-tormentoso, que havia pouco se estreára, e ainda era mal determinada, desviou a aquelles navegantes da rota até esse tempo praticada, e esse medo deu o Brasil a Portugal....(2)

Do seculo decimo sexto corria já metade do seu curso quando aportaram ás praias de S. Salvador os missionarios, que primeiros se votaram á propaganda do Christianismo por sobre as castas indigenas, que viviam no Brasil ao tempo da sua conquista; porque os dous religiosos da Ordem seraphica, que pertenceram á pequena colonia plantada por Fernão de Noronha em 1503 no solo ja então explorado, nem tempo lhe deram os *Topiniquins* de iniciarem seus trabalhos evangelicos; pois que, sendo a colonia repellida do ponto em que começara a fundar-se, e procurando effugio n'uma das ilhas que lhe ficavam fronteiras, d'ali os missionarios regressaram a Portugal.

Por sem duvida que fôra um poder malefico, infenso á humanidade, funesto ao Novo-mundo o que inspirou a emigração dos povos da Peninsula-iberica, fazendo para ahi caminho apoz o descobri-

(2) V. no 2.º n. dos—Ensaio Litterarios—e á pag. 49 o art. « O Brasil.»

mento de Colombo e Pedralves. Esses dous povos, que ainda refrangiam o primeiro luzir da civilisação ja bem aceita e difundida pela mór parte da Europa, por nada mais eram estimulados em seu movimento impulsivo para a America, que por insaciavel cobiça e havidez de ouro, pungidas pelo quanto narravam os primeiros que devassaram este continente: era esse o unico insentivo que os subtrahia á patria, que os fazia renunciar aos gosos da vida em repouso, sulcando por ventura mares inhospitos e ainda mal explorados, e indo affrontar essas tribus indigenas, a quem se não dava o dom da racionalidade. E a humanidade ainda hoje se estorce nas dores acerbadas, que lhe causa a recordação dessas matanças em massa, de nunca vistos attentados, de horriveis atrocidades de que lançaram mão esses homens, mais barbaros e ferozes do que aquelles a quem procuravam, para o saciamento de sua ambição infrene.

Ainda durava a luta travada havia 50 annos entre os conquistadores portuguezes, que tinham invadido o Brasil, e as raças indigenas, que foram ahi deparadas, e que sahiram-lhes d'embate, não de subito, porque o apoucamento da sua intelligencia não lhes deu para uma prompta apreciação do character desses homens, mas logo que por um encadeamento de factos atrozes entenderam não haver de sua parte outro intuito, que o de exterminal-as por quantos meios lhes suggerisse sua avareza, para que unicos e livremente se assenho-reassem do seu solo, onde presumiam thesouros inexgotaveis e de facil aquisição. E desta cruenta luta ainda divagavam aqui e ali por essas devastadas regiões visinhas ao mar os mesquinhos restos de poderosas tribus, a quem prestou animo a salvação commum, esforçando-se em tenaz resistencia a tão crueis invasores; foi então que ahi abordaram os primeiros catechisadores, membros da sociedade de Jesus, com a missão especial de propagar-se entre os Indigenas a crença da Redempção.

A indifferença instinctiva dos Indios ás paixões humanas, que era o seu principio dominante; sua inabalavel impassibilidade na dor, no soffrimento, nas privações; esse frio encarar com a morte e com as torturas, sem que nem se quer se lhe divisasse um gesto de sentimento, e de que ha em sua historia copia de exemplos, não puderam ter a têmpera, que de mister se houvera para que elles arrostassem a tamanhos males—sobrepujassem a elles; e esses 50 annos, que lhe correram tão cruelmente, fôra tempo demasiado para desvirtual-os, nullificando-lhes essas propensões benignas, (3) que formam a parte elementar da indole humana, qualquer que seja a porção da faculdade intellectiva que a natureza lhe deu, e que por sem duvida os levaria prestes ao gremio da communhão

---

(3) V, a carta de Pedro Vaz de Caminha sobre o descobrimento do Brasil.

catholica si attentar-se para os movimentos bem significativos de commoção moral, para o espontaneo arremedo do que viam fazer, para a attitude de humiliação e respeito que instinctivamente manifestaram os Indios, que de proprio alvitre occorreram á solemnidade do sacrificio incruento mandado celebrar por Pedralves quando se firmou o primeiro padrão symbolizando o ferreo senhorio portuguez nas plagas do Novo-mundo. (4)

E pois que ja preexistia essa massa compacta de preconceitos, essa odiosidade intranhavel, que acintemente houvera suscitado aos Indios a avareza, o cynismo, a prepotencia da raça branca, que conquistára o Brasil, entraram por senda de difficil accesso, áspera de tribulações e vicissitudes, abriram luta desigual e descomedida, empenharam-se em contenda, como essa que nos pintou o genio de Milton entre os bons e máos espiritos, os medianeiros da Palavra divina, os doutrinarios do Christianismo, que primeiros encetaram sua propaganda no Brasil, e ahí ergueram o imperio da Cruz sobre as crenças abarigenes, e plantaram na terra virgem do Novo-mundo o madeiro do Calvario, para que distendesse a sombra de sua virente copagem, immensa, dominadora, eterna sobre povos selvagens, que viviam erradios pelos desertos da idolatria. (5)

MACHADO D'OLIVEIRA.

(Continua.)

---

## **Refutação ao artigo — Se Deos existe sujeito à condição do tempo.**

### SEGUNDA CARTA.

---

Philosopho tombastes no mar profundo da descrença, o Atheismo emudeceu-vos a consciencia, e ella sem força para guiar-vos, sem voz

---

(4) Les indigènes assisterent pêle-mêle a ces cérémonies, s'agenouillant comme ils le voyaient faire aux chretiens, et paraissant émus de la magesté des mysteres religieux.  
(LE BRESIL, PAR FERN, DINIS.)

(5) Ces hommes entrepenans (les Jesuites) ne pouvoient pas rapeller du tombeau les trop nombreuses victimes qu'une aveugle ferocité y avoit malheureusement plongées; ils ne pouvoient pas arracher aux entrailles de la terra les timides Indiens que l'avarice des conquerans y faisait tous les jours descendre.  
(RAYNAL.)

para exprobrar-vos, sem vida para animar-vos, sem calor para aquecer-vos—deixou-vos no mar procelloso da vida sujeito aos furacões do erro sem bussola, e sem norte. Tantas fadigas, tantas locubrações, trabalhos tão asperos para alcançar a verdade,—para crêr, perder tudo, morrer sem crença, é sem duvida amargo! Qual outro Moysés, que depois de 40 annos de privações dolorosas no deserto em busca da promettida terra para descansar a gente de Israel, descrêo da promessa, e foi castigado pelo Senhor com a privação do goso desse solo fertilissimo, assim vós tambem depois de lutas heroicas para a conquista da verdade, se não arripiardes em vosso caminhar sceptico e descrido, sereis punido não fruindo a mesma verdade que tanto almejaes. Eu bem o disséra —que vossa alma estava á perder-se, tive o desejo christão de chamar a ovelha desgarrada para o rebanho do Senhor, não me foi possível — E hoje? Hoje estais fulminado pelos ardentes raios que o concilio geral de 1215 despejou sobre aquelle que dêsse interpretação absurda e heretica ás palavras de Deos: Vivo Ego in Eternum—hoje a cadeia de vosso racioeínio declarou-vos Atheo, de hoje em diante nemo homem, nem o céo com toda a sua grandeza, nem os astros com todo o seu movimento harmonico, nem a criação com toda a sua belleza e magnificencia teráõ para vós explicação, porque falta o Creador!

Permitti que eu apresente as razões que me levarão a asseverar que vossos raciocinios vos tinhão denunciado Atheo.

#### SE DEOS EXISTE SUJEITO Á CONDIÇÃO DO TEMPO.

A primeira consequencia que legitimamente tiro de vossa these: Deos está sujeito á condição do tempo, é que sem o tempo não é possível a existencia de Deos, ergo collocais Deos na dependencia do tempo, ainda mais buscais a possibilidade da existencia do infinito, no finito.

Primeira refutação.—Ou o tempo é, desde que Deos tambem é, e então não tem começo nem fim, ou elle tem começo e fim, e nesse caso fica provado que Deos anterior em existencia ao tempo nem sempre a elle se sujeitou.

Corollario de vossos principios seria que Deos é finito, pois que está sujeito á mudança, e successão do tempo, soffrendo consequentemente as distincções do passado, e futuro. Ora um ser subordinado á todas estas contingencias não seria immenso, sabio, infinitamente, nem eterno, seria o finito, com todas as suas fragilidades, e imperfeições, e onde está o ser infinito, Deos, que a humanidade adora? Vós não o tendes, os vossos principios o negão. Eis o Atheismo.—Mas em ultimo refugio podereis dizer-me: tanto eu acredito em um Deos que o sujeito a condicção do tempo — mas o vosso Deos é finito, e logo negais á Divindade, porque lhe recusais o attributo essencial.

Façamos o estudo da vossa these.

Deos o disse—ego sum qui sum, é hoje do mesmo modo que tem sido

sempre—heri et hodie, ipse et in secula, Deos é o Eterno, nelle tudo é fixo, tudo é—vós sabeis que o eterno é aquelle que existe puro, e simplesmente sem soffrer nenhuma mudança, successão e distincção do passado, e futuro, isto é das diversas partes do tempo que é divisivel, no que diverge da eternidade que é essencialmente indivisivel—como bem diz o Theologo Gousset: o tempo compõe-se de partes, e successões é pois mutavel, muda necessariamente como os seres que se succedem, e que succedendo se formão o passado, o presente, e o futuro. A duração de uma creatura não é em um só momento, suas partes se succedem—sem se poder reunir, uma exclue a outra, o futuro succede ao presente, e este ao passado, é um movimento perpetuo que no dizer de J. B. Rousseau é uma imagem mobil da immobilidade eterna.

Em presença das idéas eterno, e tempo assim explicadas, podemos sem immensa desordem de razão sugeitar Deos ao tempo, e portanto dar-lhe uma existencia passada, presente, e futura? Não certamente porque seria o mesmo que dizer que Deos foi, é, e será.

O Sapiente Dr. Santo Agostinho fallando da eternidade de Deos, o querendo provar que ella se não sugeitava á condição do tempo, diz: Eu não vejo nenhum espaço de tempo na Eternidade, os espaços de tempo se compõe de movimentos passados e futuros—*spatia temporis præteritis, et futuris motibus constat*, ora não ha passado nem futuro no eterno—*nihil antem præteritum in æterno, et nihil futurum*—S. Pedro Chrysologue diz: *Excludit æternitas tempus*.

Boéce philosepho christão em sua opinião a eternidade é o goso inteiro, e perfeito de uma vida sem começo, sem successão, e sem fim—*interminabilis vitæ tota simul, et perfecta possessio*.

Taes são os eminentes sabios da igreja que condemnão as proposições de meu adversario. E na verdade como não condemnar uma theoria que iguala Deos ao homem. O homem pelo facto de soffrer a acção do tempo vive no presente, com lembranças do passado, e ignorante do futuro. Deos soffre tambem a acção do tempo, por consequencia é sem futuro. Se nós homens em tantas difficuldades encontramos, tantos erros commettidos, por falta da sciencia do futuro, se o politico muitas vezes deixa abysmar o estado que dirige, se muitas vezes causa a desgraça dos governados na execução de um plano onde só se leva por probabilidades, se em fim nossa fallibilidade, e nossa ignorancia se reduz a impossibilidade de concebermos o que se esconde além dos horisontes do futuro. O que seria de Deos se na realisação do sublime plano da criação não vivesse em todos os periodos do tempo, se o futuro não lhe fosse presente? Se um plano engendrado pelo homem, abortado por causa de sua fragilidade e ignorancia completa do futuro causa tantos males, quem poderia avaliar os que se darião na grande obra da criação se por ventura o divino Creador fosse privado do mesmo conhecimento?

E não vos foi sensível a contradicção que necessariamente corre da existencia de um ser infinito sem conhecimento do futuro? Infinito é o illimitado, é o independente, é o omnisciente, é o que possui a justiça em todos os seus pontos, mas desde que o porvir lhe é vedado, ipso facto está limitado, em sua sciencia, etc. E certo que lhe negais a infalibilidade.

Se Deos está sujeito a condição do tempo, é certo que sua Eternidade consiste em uma successão infinita de momentos, attendei para este argumento de *Gosset*, e respondei se vos é possível — ei-lo: Si l'éternité consiste dans une succession infinie de moments, des siècles, il faudra dire que le nombre des moments, et des siècles écoulés jusqu'à présente est infini. — Mais comment peut-il être infini, puisqu'il s'accroît sans cesse avec le temps? Un infini qui reçoit de l'accroissement n'est point infini — Si vos dites que ce nombre est infini, il le sera nécessairement toujours; tout nombre, quel qu'il soit, est une borne; et ce qui est borné ne peut être infini.

Respondendo aos vossos argumentos nús como se achão; eu vos peço perdão antes de dizer que são sophismas, e sophismas não dignos de vossa intelligencia.

« *Em primeiro lugar diremos que sendo Deos uma causa absolucta, está subordinado á lei de toda, e qualquer causa.* »

De tudo isto se conclue que Deos, causa absolucta, está subordinado ás mesmas leis á que estão sujeitas as não absoluctas. Negamos, — pois bem sabemos que a natureza do absolucto, é differente da do relativo, se pois tem naturezas diversas, devem soffrer a acção de leis igualmente diversas.

Confundistes pois em vossos primeiros argumentos a causa absolucta, com outra qualquer causa. Para proseguir o argumento convinha que demonstrasseis que está com effeito a causa absolucta subordinada ás leis de toda e qualquer causa, não provado como se vê — é vosso argumento uma petição de principios.

O 2.º argumento que é uma illação do primeiro padéce da mesma enfermidade, como porem consiste em sustentar a successão porque passa Deos, eu creio estar demonstrado ser falso um tal principio pelas idéas que apresentei no principio deste artigo.

Não abandonarei porem já os sophismas, e contradicções que a intelligencia a mais fraca apanharia com facilidade, e com os quaes vos possuis de tanto orgulho que avançais ninguem com sinceridade póde contrariar-me!

Entretanto olhemos para essas provas de bronze, olhemos para esses inventos de um Athêo, e que o é por sr precipitado em seus racciosinios.

Os actos de Deos são successivos. Ora estes actos não o poderião ser sem que o proprio Deos (substancia em que elles residem) o fosse &c.

Confusão completa de causa, e effeito. — Ora se os actos de Deos são successivos, porque elle proprio o é — haveis tambem de concordar que Deos sendo infinito, seus actos tambem o devem ser — logo a criação é infinita como Deos!

Tal é a illação de um principio absurdo. Certamente não sereis capaz de a sustentar.

O vosso 3.º argumento pelo absurdo não póde proseguir depois dos principios tentados no começo de minha refutação. — Dizeis que é falsa a providencia Divina, pois que os actos ainda não estão realizados por nós, e no entanto Deos já os conhece — são effeitos sem causa, e sem razões de existencia.

Dizei-me vós que sois fallivel não tendes muitas vezes conhecimentos de factos que ainda não se realisarão, e deixão elles por isso de não ter razão de existencia?

Esta questão reconheço ser uma das mais difficeis de resolução satisfactoria, todavia altas intelligencias lhes tem dado solução que descança o espirito; por isso pretendo fazer uma refutação della isoladamente.

Eis as razões que me animarão nesta refutação ao vosso artigo — Deos existe sujeito á condição do tempo.

Espéro vossa defeza, prevenindo-vos porem que não tortureis minhas opiniões, pois não precisa tal praticar aquelle que se julga do posso da vida.

Acceitai meus votos de amizade e respeito. S. Paulo 22 de setembro de 1852.

*A. F. Vianna.*



**Discurso [recitado no dia 7 de setembro de 1852, por occasião da inauguração do Atheneo Paulistano.**

Senhores. — Quando as tempestades revolucionarias rebentão, quando os ventos populares se desencadeião para açoitar a oppressão que com mão de ferro as arrojára no abysmo ignobil do servilismo e humilhação, o espirito reaccionario tem surgido para vingar seos mais preciosos direitos, a consciencia publica ha despertado! Mas, assim como o poder, puro e legitimo em sua fonte racional, sahe de seu circulo verdadeiro, e enroupado com as vestes do individualismo proclama como direito a força e hastêa como fim a bandeira de seus caprixos; do mesmo modo a reacção, justa e legitima

em sua essencia, nobre e solemne como a personalidade em sua manifestação, impellida pelas paixões, mancha os interesses geraes que sanctificava, quando conspurcados pelos desvarios d'auctoridade ; dando dest'arte o expectaculo doloroso mas real da contingencia humana.

E' então que pura, como a emanação de Deos contemplada pelo espirito humano, radia a verdade e girando no tempo se deixa encerrar em todas as suas phases. Eis como a liberdade, a forma do eu no mundo phenomenal, (\*) se tem consagrado nas instituições sociaes.

Quantas luctas ! Quantas victimas e decepções, para que a arvore da liberdade se levantasse altiva no meio das ventanias, para que a virgem erguesse o collo puro do meio das bachanaes em que a envolvião seus admiradores !...

As victimas sacrificadas se têm vingado : o silencio dos tumulos é perturbado pelos hymnos dos Vannini, que se desprendião das lousas para saudar os cadafalsos que decepavão as cabeças dos reis, e pelas hosannas das testas coroadas quando tombavão no chão as cabeças dos Dantons e Robespierres.

Enthronisou-se a liberdade na vida social do mundo Europeu.

Poderia por ventura ser a America, indifferente a taes acontecimentos ? Os Franklins — Washington e os Andradas são a prova eloquente de que echoarão nos corações Americanos os brilhantes successos que rutilarão na Europa.

O dia 7 de setembro de 1822 foi o momento solemne da nossa regeneração social ; nos campos do Ypiranga o rei, soldado da causa sagrada da liberdade do povo brasileiro deu o brado de independencia que repercutiu no vasto espaço da terra de Santa Cruz.

E' hoje o anniversario desse dia grandioso, em que nos libertamos dos grilhões que nos manietarão os pulsos ; em que o pensamento rebentou livre no sólo da nossa patria. E é hoje tambem o dia em que o Atheneo Paulistano consagra sua existencia no mundo litterario.

Quão doce não é prendermos nossa vida ás glorias patrias ?

Que perspectiva brilhante não é para o espirito humano a liberdade politica de mãos dadas com a liberdade de pensamento ? E' o facto que hoje presenciemos, graças á providencia, nas sociedades modernas ; pois as verdades sociaes e politicas sendo consequencias dos principios philosophicos, a liberdade politica sendo filha da liberdade do pensamento, não podem as instituições sociaes livremente organisadas deixar de respeitar a liberdade da rasão. A revolução religiosa terminada pela paz de Westphalia, a revolução po-

(\*) Cousin.

litica de Inglaterra e a revolução franceza lavrarão com caracteres de fogo na vida da humanidade as verdades que a philosophia cartesiana havia escripto na vida psychologica. E pois, hoje que o pensamento é livre politicamente, tem direito de se manifestar nas diversas relações da vida humana ; e as associações litterarias, sendo a expressão da liberdade da razão, constituindo uma das glorias do paiz, quando uteis e animadas pela sociedade, se ligão á felicidade social. O Atheneo Paulistano tem pois o direito de ligar sua existencia com a da nossa patria.

Rompendo por entre os enthuziasticos hymnos em gloria da emancipação politica do Imperio, o Atheneo Paulistano, surge radiante pelo esplendor que lhe reflecte o dia, e trasbordando do sancto prazer, que lhe suscita o faustoso dia 7 de setembro, se entrega em offerenda no altar da patria.

Nascido sob os auspicios do dia em que raiou a aurora da nossa emancipação social, dirigido por destros palinuros não sossobrará nos escarcéos da vida : seos vôos na região da verdade não serão tão altos nem tão solemnes como os de um povo que da escravidão passa á liberdade ; mas serão tão reaes como os do espirito que aneia a verdade. E quando por ventura se queira transviar, o gigante da independencia lhe apontará a senda de gloria que deve trilhar, para não marear o dia de seu natalicio, como a estatua que se levantando das aguas do Oceano mostrava o caminho d'America aos avidos descobridores do novo mundo.

S. Paulo 7 de setembro de 1852.

*Sá e Benavide.*

---

## DERRADEIRO SONHO.

### I.

Era noite : arrastava-se ella vagarosa e longa, como os momentos do suppliciado.

Em um quarto espaçoso, estendido em seu leito, enfermava um homem : dil-o-hieis uma estatua derrubada de seu pedestal, se de tempo á tempo não estremecesse como tocado pela chama electrica.

A luz da alampada erguia-se e abaixava-se, diminuindo em força, como o som da vaga quebrada que vai alongando o espaço de suas intermittencias até morrer : parecia acompanhar os instantes agoniados do moribundo.

Si pudesses decifrar o mysterio daquella alma, afferir a medida de suas dôres, farieis um poema—mas não, dizem que o melhor hymno do poeta não se escreve; tambem a melhor symphonia do musico—não a merece a terra; sabe-a talvez sómente a viração e o mar, os passaros e a torrente: Deos quiz que elles guardassem os cantos sublimes de seu coração para os concertos eternos.

.....  
 O relógio deu meia noite; ouviu-se um estalo, o enfermo sentio um estremecção, voltou o rosto para uma rebeca que lhe ficava á cabeceira, e sorriu-se como saciado do mundo. Alguem poderia traduzir aquelle riso por um extasi de orgulho, eu não—julguei antes que aquelle homem dizia mudamente: minha rebeca, quem amanhã ha de pulsar tuas cordas, onde ficarão nossas glorias?

O labio estava confrangido de mais, havião muitas rugas nessa fronte envelhecida mui cedo. Em sua cabeça marulhava um oceano de idéas onde folgava o desespero, como as aguas do mar encrespadas pelo vento da tempestade.

## II.

Eu acredito no Céu,—porque as dôres são fundas e longas; eu acredito no Céu,— porque tenho fé no futuro, na liberdade, na grandeza d'alma, nos sentimentos elevados; eu acredito no Céu,— porque a idéa de Deos é uma idéa consoladora na estrada que tapisão cadaveres; — porque as esperanças terrestres são fugitivas, os gostos passageiros, as desditas amargas e terriveis; eu acredito no Céu,— porque o pegão da noite turbulento açouta a gramma e o carvalho; — porque o arco da ira divina fulmina o poderoso e o fraco.

Outros terão duvidado—deixal-os. Cahirão muito fundo na vida, a blasfemia queimou-lhes o peito, resicarão a alma. Ha porém quem pregado mesmo á cruz do soffrimento adore-te, oh meu Deos, nos esplendores da criação, vislumbre-te no scintillar pallido dos astros — quem viva com tua imagem e ame-te na sombra parda do valle, ou na arvore aprumada do monte.

Existem ainda outros que vem ao mundo como mensageiros, que se orgulhão de padecer, que tem vida de soffrimento, que atirão-se ás luctas mortiferas como o soldado ao mais renhido da peleja: é que estes seres não são o individuo, mas sim a sociedade—representão um de seus desenvolvimentos.

Este homem que ali dormia era um destes—gigante incançavel—luctador de seculos—sonhador de futuros.

Mas onde está seu nome? perdido entre os applausos da multidão, como o pio da ave marinha entre os roncões da tormenta. Quando morrer, por testamento terá as notas escoadas de sua rebeca; elle escreveo-o á noite, quando a lua era meiga—á tarde, quando a saudade

gemia—de manhã, quando o prazer fallava. E' que ahi está retratada a vida humana.

• • • • •  
Ouvio-se um segundo movimento, uma segunda corda estalou. O moribundo juntou as mãos e ergueo-as, em quanto as lagrimas rorejavão-lhe o rosto meio amarellecido pelo frior da morte.

Seria uma lembrança? Que recordações vinhão tumultuar importunas naquêlle cerebro? Serião prantos da vida que se sumia, ou risos da que ia começar?

Repentinamente o abrir subitaneo de uma porta abalou as paredes, e sordio uma mulher: era o moreno poetico da Hespanha, desmaiando na languidez voluptuosa da Italiana. Quem a visse com seus vestidos custosos, com o deslumbre de suas joias e o poderio de seus encantos, julgal-a-hia uma visão.

Essa mulher approximou-se do musico, surriou ou chorou—pouco importa.

Seria sua amante? As grandes intelligencias são indicifraveis: só amão de um corpo uma alma, de uma face o retrato;—ao menos em grande numero de casos é assim. Essa mulher—talvez fosse vista em outros tempos, como uma gemma de preço, como um traste luxuoso e de valor; talvez.... não sei.

A mulher curvou-se, seus cabellos desatárão-se em desordem—e, negros e corridios como crão, deslisando por esse rosto pallido, assemelhavão-se á aza do corvo que vôa, reflectindo-se no espelho polido de um lago. Vinhão elles annunciar a hora da despedida? Deos o sabe.

Ouvio-se logo depois um beijo saudoso e melancholico.

Uma terceira corda arrebentou. A pobre rebecca tinha ciumes.

### III.

A sensualidade na devassidão é a embriaguez do vicioso.

As organisações melindrosas repellem-na, odião-na; amão-na apenas uma hora, como uma extravagancia de momento, como uma cadeia de relógio, como a escuma do vinho: é uma especie de esmalte na vida.

Ha outra sensualidade que ellas amão: é a que mora n'um voluptuoso ademan;—é a que se revê nos vortices fugitivos de um pé pequeno, mas travesso;—é a que arde na alvura nivea de um rosto angelico;—é a que brinca na rosa que se desfolha nas mãos impróvidas da bailarina, que contrasta risos com lagrimas;—é... não posso dizel-o; talvez haja outro nome para o baptismo deste sentimento espontaneo, indisivel, que dá sancadilhas ao coração; mas eu nunca o achei, e por isso chamo-o sensualidade innocente.

E como deve saber sentil-a um musico? um musico, entendei-me bem. Eu não vos fallo dos zangarreadores aborrecidos; fallo-vos do passaro de pennas d'ouro, da mariposa que busca as chammas; fallo-

vos do astro que se atufa nos turbilhões inflammados da aurora ; fallo-vos....

Elles sabem o que é o pranto—porque a musica de Bellini é o suspirar continuo de uma alma prestes a subir ao Céu nas azas douradas da esperança ; porque Donizetti abraça a Lucia n'um beijo de fogo ; porque cada nota de Beethoven é um ai de uma resignação fingida, ou de um desespero que se trahe : elles tem tambem suas elegias, seus sonetos e seus poemas.

Eu acredito que Mozart escreveu sua vida, é que a não entenderão. Si eu fosse musico, pintor ou poeta, não havia de andar esquadrinhando factos deste ou daquelle ; não havia de querer indagar si espremerão azedo sôro de estanques lagrimas ; não havia de querer saber si encarquilhou-se-lhes a pelle no soffrimento—não : com as estatuas, com as composições musicas, com as harmonias da lyra, marcaria as épochas de sua vida.

Porque não ?

Pensai nesse homem, estendido no seu leito, com o rosto socavado, com a cova aberta, uma mulher ao lado e uma rebecca á cabeceira, lutando entre o passado e o futuro, entre a morte e a vida, entre o ser e o não ser, entre o misterio e a luz—e dizei-me : o que pensais ? E' a historia dramatisada ; ha mais do que uma narração fastienta e infesada, transparece a vida de um seculo que morre e de uma idéa que nasce.

*E' que o homem grande, quando não é um mytho, é um symbolo.*

Esse que ahí dorme—oh não lhe rompais a tunica de sombras ! Si ó um sudario, é o sudario de um cadaver que ainda vive.

Quanto a mulher que o acarinha, deixai-a que se farte de beijos, que se revolva no agitação tremuloso da vigilia, que mate n'um instante desejos que lhe turvelinbão no peito : os ultimos adeoses são mudamente tumultuarios—vão crescendo como as trombas d'agua ou d'arêa—até que estourem n'um deluvio de pranto, ou se debuxem na petreficação gelida da vida.

A alma do poeta é como as flôres que abrem de noite, disse alguém—e o musico e o esculptor são poetas . eu já vi comparar Miguel Angelo á Homero.

.....  
E a pobre rebecca tremia, tremia como si a mão de Deos o mandasse, e fazia sôar um mormurio atropellado de sons, como o farfalhar do vento pelas folhas seccas da floresta. Si é verdade que a harpa de David resouo nas margens do Jordão, seus hymnos não forão mais prenhes de enlevos. A feiticeira que brinca ao luar nas escarpas dos rochedos é amante do genio, escreve sua historia.

.....  
Uma rajada de vento enfiou pelas janellas, zumbindo como ave de

mão agouro : ouviu-se ao longe um *de profundis* : donde vinha—ninguém o soube.

Os suspiros suffocados rumorejavão indecisamente, e parecião folgar no abafamento da vida, diminuindo em intensidade, como a ventania que vinga as sinuosidades da praia, e não ousa trepar pelo recosto da montanha.

Repentinamente quebrou a mudez o baque de um corpo que tombava—e uma voz murmurou : ella !

A rebecca gemia e soluçava.

#### IV.

—Que queres ? deixa-me, disse o musico—com os olhos já vidrados pela morte.

—Morrer contigo.

—Morrer ? ! . .

—Sim—porque a minha vida era a tua vida ; — porque, quando teu coração palpitava mais triste, meos sons cahião chorosos como o pranto do condemnado ; — porque, si a raiva te encendia, minhas cordas erão o écho de tuas iras ; porque eu sabia traduzir tuas dôres, teus suspiros, teu prazer e teus transportes ; — porque te acompanhei por toda parte—no valle ou no monte—no mar ou na terra—no silencio da noite ou no bolicio do dia ; — porque arremedei com tigo o canto das aves, o cicío da aragem, e o manso quebrar das vagas ; — porque te alimentei a alma, como o sangue te alimentava o corpo ; porque....

—Cala-te, pertencerás á alguém depois de mim.

—Pertencer á alguém ! Oh pergunta a Berloz, si elle daria sua rebecca ; pergunta a Lipinski, si elle trocaria por mil thesouros a sua ; pergunta a Paganini quem foi a companheira de sua vida—e tu me repelles ? é verdade, tu tens outros amores.

Um borborinho de sons indistinctos se fez ouvir, como se fossem soluços comprimidos que voltavão de novo ao fundo do coração. As caravelhas da rebecca cahirão todas, e houve como que um grito de triumpho.

—Que fizeste ? disse o muzico, quem hade amanhã fallar de mim ?

—Deos, que vai acolher tua alma e a terra, que abrigará teu corpo.

—O tempo rõe a memoria, como os vermes a carne.

—Então de que serviria minha presença no mundo ?

—Do incentivo, louca : seria o signal da nova idea, seria o raio da regeneração da arte, seria a voz de Deos proclamando a omnipotencia do genio, seria a vara de Moyses fazendo rebentar agoa do rochedo do Horeb.

—Agora é tarde : as cordas já não existem, as caravelhas tambem.

—Deitar-te-hão novas—e serás a herdeira de minhas glorias, a depositaria de meus sonhos de grandesa.

—Meu amo, de que glorias fallas tu? Eu já ouvi dizer que havia gloria no esquecimento.

—No esquecimento! Então não tens fé na luz do porvir, e no brilhantismo do seculo?

—A noite tem estrellas, mas é sempre noite.

—E o dia d'amanhã?

—O de hoje tambem é dia—e nem por isso a escuridade passou: a luz é dos tumulos.

—Mas a luz d'amanhã póde ser do Céu.

—O Céu é o Céu—depois eu amo a arte por amor da arte.

—E eu não.

—Pois olha; digão o que quizerem—quanto a mim Phidias nunca pensou, quando talhava o marmore, senão no marmore; e Rafael, que dizem retratava nas suas virgens a sua Fornarina—é um engano; o retrato era a mulher, o original estava na cabeça. As imaginações escolhidas vivem a vida intima, segem seu destino sem bussola, são navios perdidos nos mares da vida.

—Então como explicar a ligação entre as aspirações humanas e o rumo do mundo? Não será d'ahi forçoso concluir: a arte por amor da humanidade?

—Mentira! Os rios correm para o mar, o sol alumia a terra, os passaros cantão no ramo das arvores—e nem por isso pensão no mundo.

—E o pensamento?

—O pensamento no homem é individual, e sinão—porque havião de conseguir uns o que outros não conseguem?

—Porque trabalhão mais, porque exforção-se.

—Quanta lagrima esteril tem orvalhado o terreno da existencia! Quanta vigilia tem assassinado a mocidade cheia de esperanças! No entanto tu dizes—que não empregarão esforços!

—Não me persigas, essa dúvida mata-me.

—Não, ella dá vida. O verdadeiro é que tudo segue o seu caminho: quem pensa na estatua, que o tem de immortalisar, não póde dividir a idéa que o atormenta; si concorre para o bem, é sem nisso cuidar. Qual seria o louco que, pensando na morte, se lembrasse do futuro do homem? Qual seria o que fizesse exforços pelo que chamão grandesa, olhando para os goivos fanados de um sepulchro? O artista concentra-se nas suas criações, vive em suas obras, como as veias do marmore na estatua que talha.

—Então em que pensou Dante, escrevendo sua obra immortal? Porque serião os cantos de Byron um écho de soluços.

—Porque era essa a vida que lhes pintava sua cabeça. Depois, si tomamos um ponto mais alto, ambos fallarão do mundo—e o mundo é de todo o tempo.

—Não acredites, Deos me falla neste momento.

—Meu amo, hoje o curso do sol já não pára. Olha : porque Petrarcha levou sua vida a fallar de Laura, aposto que não era artista—ou que confundio uma mulher com a humanidade !

—Então tambem não tinha amor á arte por amor da arte?

—Tinha ; porque elle foi poeta antes de ser amante : as missões adivinham-se ; não são forçadas, são espontaneas : por isso amão-se como parte de nossa vida, como nossos sonhos e nossas illusões ; porque tudo isso é o sangue de nossas vêas que se volatilisa, é o raio de nossos olhos que se perde nos Céos, é o que tu sabes.

—Não me enloqueças ; eu morro descrido, si tu não ficas para fallar de mim.

—Que te importa isso ? Diogenes pedia a Alexandre que não lhe roubasse um pouco do sol: o homem é sempre homem;—si ha muito barulho na superficie da terra, ha muito silencio no fundo do tumulo.

—Mas eu queria que vivesses por mim.

—Viver por ti ? ! Pois o que tiveste ? Muitos prantos, muitas dôres, muitos escarneos—e eu não quero continuar a soffrer.

—O dia da justiça chegará.

—A justiça ante a lapida do sepulchro é fructa podre que não alimenta os mortos. Oh morramos juntos !

—Morramos, respondeu o musico n'uma expansão de tristeza.

Ouvio-se um suspiro suffocado, depois uma bulha mais forte, e a rebea fez-se em pedaços.

## V.

Quando no outro dia forão recolher o corpo para enterro, encontrão uma mulher ajoelhada : — estava louca.

Na parede não havia mais rebéca, nem no chão cordas ou pedaços ; apenas na parede via-se no mesmo lugar uma caveira e em baixo uma inscripção—amor e arte !

A rebea era a alma do artista, tinha subido ao Céu,

A mulher era o symbolo do soffrimento, tinha ficado na terra.

*Andrada e Silva.*



## **Cartas ao auctor dos artigos — Ensaios — na « Revista Litteraria. »**

### TERCEIRA CARTA.

....ut ferulâ cœdas meritum majora subire  
Verbera, non vereor. HORAT. FLACC.

Até aqui eu tinha duvidas e pedia explicações, porêm vós me col-

locastes na cadeira magistral com a ferula em punho ; aceito o lugar e chamo-vos á lição sobre os dois ultimos artigos e a defesa.. *suus uni Cuique locus.* (1)

O estudo psychologico é todo de observação, segundo confessaes, e entretanto dizeis que se conhece o — *Eu* — por demonstração. Pensaes por ventura que demonstrar é um dos meios de observar? Não deixo impune tão clamorosa heresia porque a pregastes logo na primeira linha de um artigo, como que annunciando que outras muitas vão seguir-se, e porque importa um conhecimento perfunctorio da lingua que fallaes ; dai-me por tanto a mão que pelo contacto da ferula fará saber ao tacto, este á sensibilidade, esta á consciencia e esta ao vosso — *Eu* — que o erro é gravissimo e não deve ser repetido.

Revestido do poder magistral quero resposta aos seguintes syllogismos destructivos da vossa theoria de faculdades :

Primeiro.—A' idéa de faculdade repugna a impossibilidade de ser dirigida pelo — *Eu* — , ao menos em parte ; (2)

A unidade e identidade são faculdades ; (3)

Repugna por tanto á idéa de unidade e identidade a impossibilidade de serem dirigidas pelo — *Eu* — , ao menos em parte, e devem pois soffrer a acção pessoal.

Do mesmo raciocinio faço applicação á actividade, e quero que mostreis como sobre ella pura e simples, porque só então tem esse nome especial, se exerce o poder do — *Eu* — . Se o não fizerdes ou haveis de arripiar carreira, abandonando a theoria, ou então darei que fazer á menina de cinco olhos.

Segundo. — Ao que é activo repugna ser improductivo no tempo ; (4)

A unidade e identidade são activas, por isso que se reduzem á actividade ;

Devem por conseguinte ser productivas no tempo.

E o que produzem ellas? Respondei debaixo da pena supra.

Repugna que sejam as causas inferiores aos effeitos ; (5)

(1) Horat.

(2) E' por esta razão, acrescenta Jouffroy, que se estabelece differença entre as propriedades dos seres livres e as propriedades dos seres não livres, dando-se á aquellas o nome especial de faculdades.

(3) As menores dos syllogismos, bem como do prosyllogismo, e por consequencia as conclusões, porque— « *pejorem sequitur semper conclusio partem* » —pertencem ao auctor a quem escrevo.

(4) Não entro na questão se Deos, como causa, está ou não sujeito ao tempo : mas se o principio não é verdadeiro para a causa infinita, é ao menos indubitavel para as causas finitas, e isto me basta.

(5) Não me servi da linguagem philosophica que é esta : não podem os effeitos ser mais sublimes que as causas etc . porque os mestres devem accomodar as suas explicações á intelligencia dos discipulos.

A actividade pura e simples é causa da intelligencia, por isso que a produz.

Não póde por consequencia ser inferior á intelligencia.

Mas esta é activa e conhece ;

Deve por tanto aquella ser activa e conhecer.

Nas menores deste prosyllogismo substitui a intelligencia pela sensibilidade e vontade, e conclureis que a actividade pura e simples é intelligente, sensivel e volitiva : d'onde resulta o absurdo de possuir o homem duas intelligencias, duas sensibilidades e duas vontades, uma que é causa e outra que é effeito.

Não creio, professando a verdadeira doutrina do Sr. Cousim, que a liberdade seja uma faculdade, porque ou os seus phenomenos são diversos em essencia e natureza dos phenomenos da vontade, e então ha quatro faculdades—intelligencia, sensibilidade, vontade e liberdade, o que certamente é novo em philosophia, ou são os mesmos debaixo de nova forma, e então é sómente uma fórma da vontade, o que é certo e verdadeiro.

Não vos lembrastes da differença entre qualidades, faculdades e fórma destas, por isso vos precipitastes em tão negros abysmos.

Desculpo-vos, e não vos applico desta vez o excitante do amor ao estudo, porque—*nec omnia possumus omnes*.

Lerão vossos olhos em algum livro estas palavras—*ordem ontologica*, e querendo applical-as para affectar vastidão de idéas dissestes que nessa ordem a unidade e identidade antecedem a actividade, dando uma razão que só prova a precedencia logica.

Pela posição de mestre vejo-me obrigado a dar-vos as seguintes explicações :

A ordem ontologica é a da existencia no tempo : a logica é a da concepção abstracta, e a psychologica é a da percepção e concepção concreta. Segundo esta noção, adoptada pelos homens que tem consciencia do que dizem, a actividade, unidade e identidade são simultaneas na ordem ontologica, porque não ha um momento no tempo em que o—*Eu*—exista com uma e privado de outra. Quereis saber a razão ? E' porque são qualidades essenciaes.

Não devo proseguir sem notar-vos primeiro o quanto é infundado o vosso juizo sobre Damiron, concebido nestes termos:—« *soube desprezar* » essa *requintada methaphisica de uma ontologia* « *incomprehen-sivel.* » Nessa occasião esquecestes que, classificando as questões geraes de Philosophia, elle diz : « se pois as sciencias de observa-  
« ção, phisicas e moraes, não são capazes por si de esclarecer o que,  
« em seu objecto, não é actual e manifesto, nem por isso são me-  
« nos excellentes e de necessidade menos absoluta para dar uma  
« base á sciencia que se occupa destas questões.

« Esta sciencia, chamem-na muito embora methaphisica, ontolo-

« gia, philosophia transcendental etc.» E menciona depois as questões ontologicas concernentes ao mundo, ao homem e á Deos.

Collocado na cadeira do magisterio aconselho-vos que não ajudeis dos escriptores e principalmente dos philosophos sem ter para isso solidos fundamentos.

Puzestes em um de vossos artigos esta inscripção : — « A actividade. — Nunca deixa de existir. Conciliação com a passividade. »

Em um de seus capitulos poz Damiron est'outra : — « De l'activité de l'âme.— Si elle est continuelle. — Comment elle se concilie avec la passivité. »

Começa o vosso artigo por estas palavras : — « Passamos ao estudo da actividade. O que será ella ? »

Começa Damiron o seu capitulo por est'outras:— « Passons maintenant á l'étude de l'activité de l'âme : comment l'expliquer et la définir ? »

Depois de copiar em francez um longo trecho deste philosopho continuastes : — « O homem, ou ostenta em todo o seu brilhantismo e variedade os phenomenos do senso intimo ; ou os conserva em estado de torpôr.... no primeiro caso é evidente o exercicio pleno da actividade.... aqui mais vagaroso (o desenvolvimento do principio intimo) do que ali.... Assim temos o homem que pensa, e reflectindo, conhece a si, a Deos e a natureza ; temos o homem que sente, e sentindo alegra-se ou se intristece, ama ou aborrece.... O que se manifesta em tudo isto ? actividade, e só actividade. »

Damiron tambem diz : — « On peut répondre à cette question en distinguant deux états, deux modes d'existence qui sont propres à l'âme humaine : celui dans lequel elle se connait et peut savoir ce qu'elle devient, et celui dans lequel, sans conscience, ou du moins sans claire conscience, elle ignore ou sait à peine ce qui se passe en elle—même. Pour le premier, point de difficulté.... Il agit aussi de diverses manières selon les objects aux quels il se rapporte. Il en est qui ne s'offrent à lui que comme vrais et évidents, et ceux-là il les pense ; pour ceux-là il est esprit, faculté intellectuelle, entendement, connaissance, mémoire et imagination. D'autres... ont pour lui une autre propriété ; ils lui plaisent ou lui déplaisent... il en jouit ou il en souffre... au milieu de toutes ces modifications, ce qui ne cesse de paraître, c'est son inépuisable activité. »

E assim continuaes a transcrever Damiron, ora em portuguez ora em francez, com estas differenças : — o vosso artigo é pela maior parte n'aquella lingua, e o capitulo de Damiron é todo nesta:—daes como prova convincente da continuidade da actividade e Damiron como presumpção—a existencia de alguns phenomenos no estado de

adormecimento que a manifestão : — outras de maior valia e robustez apresenta Damiron; e vós contentaes-vos com a presumptiva, escolhendo assim o peor como as creanças que se contentão com um valôr menor preferindo-o á outro maior.. . . .

Como prologo á lição sobre a defesa mereceis em cada mão uma duzia de bôlos por faltar ao respeito devido aos mestres.

Orgulhoso menino, a vaidade vos cêga e por todos os póros transpiraes audacia porque tivestes a desmedida coragem de dizer-me : — *as vossas duvidas são injustas e capciosas arguições ; hei de avaliar como quizer e só comigo o motivo de vossas cartas ; fugirei de vosso estylo porque prefiro o que me ensina a consciencia de minha dignidade pessoal ; amontoastes palavras e concluistes contradicções ; lestes com desmazêlo e deleixo os meus artigos ; fizestes-me uma insinuação gratuita ; não uzastes de lealdade ; deslocastes as minhas frases ; tendes o designio de achar-me à fortiôri em contradicção ; questionaes sômente sobre a intelligencia de palavras ; ouvis cantar o gallo e não sabeis em que terreiro. E menospresando a minha auctoridade accrescentastes com arrogancia : — por unica resposta dou-vos esta : — veja em que fica : — por unica refutação esta ainda : — lêa melhor os meus escriptos. Finalmente invocando o papel do Dr. Sangrado me declarastes louco com lucidos momentos. Não, não vos perdôo, hei de quebrantar-vos o máo genio : abri a mão e cerrarei os ouvidos aos vossos gritos e lamentos ; experimentai o gosto que a ferula tem, e, se continuardes a dirigir-me improperios e diatribes, triplice será a dóse como triplice é o objecto da Philosophia.*

Enxugae as lagrimas e dizei-me:—quaes são os mysteriosos principios de vossa Hermeneutica mysteriosa que me attribuirão a mesquinha intenção de dar por causa ás minhas cartas o vosso polido, delicado e mimoso cartel de desafio ? Quaes são esses magicos principios que da minha carta deduzirão que tinheis a fronte cingida de louros ? Não sei, mas quanto á ultima parte estou convencido de que são emanções desta maxima — *quod volumus facilé credimus.*

Dissestes:—*à fé de homem honrado que não conheço o illustre annotador de Kant.*—Mas não vos acredito porque emprestando-me a intenção de motivar as minhas cartas com o vosso cartel de desafio, tambem não me acreditastes: não vos acredito porque prometestes fugir do meu estylo—certamente por julgal-o acre, e mais acre foi o vosso: não vos acredito porque apreciaes o character de um adversario que se não encapota para combater, e no entanto encapotaes a causa que, segundo a vossa profundeza, deu lugar ás minhas cartas : não vos acredito finalmente porque ao passo que dizeis:—*prefiro apresentar os fructos ainda que erroneos de minhas lucubrações a copiar o que outros disserão,*—vos confessaes arremedo ridiculo de Damiron.

A' proposito de arremedo ridiculo; com essas duas palavras caracterisastes todas as feições de vossos artigos, porque na verdade nada mais são que pallidos reflexos de Damiron, desfigurados pela divisão de Philosophia de Gerusez falsificada, e ennegrecidos pelas tintas de vossas lucubrações, formando tudo isto a carêta de Quasimodo.

Para responder á minha primeira observação publicastes de novo as vossas primitivas palavras; e dellas deduzo pela segunda vez que, antes da victoria e quando a philosophia era ainda escrava, ja era tambem Rainha e Creadora, visto que esta foi a causa porque ganhou a lucta; salva a vossa doutrina de collocar a causa depois do effeito, se vos occommetter a pertinacia de apparentar tão saliente contradicção. •

A' que fim á ferro e fogo encarcerastes na vossa intitulada—defesa — esse longo arrasado sobre as épocas historicas da Philosophia? Provaes por ventura que na primeira época existio esta sciencia sem forma e sem lei? Se estaes persuadido designae-me os invisiveis argumentos que até agora permanecem em vosso cerebro; e então terei occasião de erguer a ferula, e descendo-a com força direi:—« errastes crassamente, vinde ouvir vosso mestre; a opinião verdadeira é esta. »

Não se tracta de saber se a philosophia de hoje é a mesma que a dos primeiros seculos, mas se é verdadeira a divisão em época do cháos e criação. Reconhecestes a vossa fraqueza, confessastes o erro e pedistes para desculpal-o alguma liberdade na enunciação do pensamento, certamente porque vos lembrastes de Horacio nas palavras— « pictoribus atque poetis etc. »

O que me parece intoleravel é que mostreis tão pouco conhecimento do que seja um dilemma destructivo de uma doutrina. Daes como minhas as duas conclusões do dilemma, quando apenas tendem, partindo de vossos principios, a demonstrar inconciliavel com elles a vossa divisão.

Ficæ portanto convencido de que o vosso dilemma não tem lugar porque versa sobre outra questão, e porque foi elaborado sob o falso pensamento de pertencer-me as conclusões do que vos offereci; e assim é a vossa condemnação, porque foi uma sentença que contra mim fulminastes.

Causou-me não pequeno sobresalto a vossa theoria de poder estar sempre o substantivo sem o adjectivo; e maior foi ainda o meu sobresalto, vendo-a por vós regeitada na pratica. Sim, se os substantivos em toda e qualquer circumstancia dispensão o adjectivo claro, estes são de mero luxo nos escriptos, e inutilmente enchem o papel.

Dou-vos por castigo, não a ferula, mas que, abandonando por

alguns dias o estudo da *Philosophia* recordeis a *agrammatica* e vos certifiqueis dos casos em que pode estar occulto o adjectivo; então vereis a heresia que por descuido escapou-vos da penna: mas advirto-vos que não me agrada muito o andar do caranguejo.

Quereis que vos diga em que fico; pois bem, fico persuadido de que pouco lêdes, menos comprehendéis e correis perigo de arreben-tar de orgulho.

Mandastes-me ler os vossos escriptos; li-os e nelles achei a fiel imagem do guizado das feiticeiras de *Macbeth*; li-os, e os vossos argumentos me parecerão da escola da feiticeira de *Goethe* no *Faust*.

Persisto em pensar que ao nome de *Cousin* ligaes o de pai da *Psychologia*, porque depois de descrever o nascimento da sciencia, pintaes os seus naufragios, e a sua salvação pelo *Eclectismo*, certamente o moderno, ainda que esta palavra esteja occulta, talvez por ser um adjectivo. Feito isto, dizeis:—*Nascida a Philosophia, creada a Psychologia etc.*; d'onde toda logica deduz que foi o *Eclectismo* moderno que creou a *Psychologia*, porque é esse o facto mencionado de seguida ao que deu nascimento a sciencia.

Não me agradou o vosso syllogismo, porque nas premissas daes a observação como origem do conhecimento do *eu*, e na conclusão ella figura como condição; não me agradou ainda porque a menor proscreeve do estudo do espirito humano o uzo da razão, fazendo-o todo somente pela observação.

Logo no periodo seguinte destruis vós mesmo o vosso aleijado syllogismo, porque confessaes que pela observação só se conhece o que se passa no *eu*; d'onde se infere que este não é conhecido por aquella, porque o que se passa no —*eu*— não é o —*eu*.

E' verdade que não limitaes claramente o campo da observação, mas tambem são admissiveis os argumentos *à contrario sensu*.

Podeis ficar certo de que os vossos artigos não me distrahem de minhas leituras porque sei dividir as horas; umas são para o sério e outras para a galhofa; n'aquellas preparo-me para distinguir na gralha as pennas do pavão; nestas rio-me quando a gralha me apparece enfeitada.

Nunca pensei que a vossa paixão por *D. Quixote* fosse tal que levasseis á mal não ter eu feito menção de seu escudeiro *Sancho Pança*. Mas esta serve-me de lição e d'ora avante sempre que fallar no cavalleiro de vossa predilecção não esquecerei o seu escudeiro; e isto farei porque algumas vezes devem os mestres condescendencia aos discipulos.

Remato esta carta que ja vae longa impondo-vos a obrigação de responder-me ás observações até aqui feitas e principalmente ás da

primeira carta que nem se quer merecerão a honra de serem por vós mencionadas; sob pena de não ter férias.

Este é o castigo com que vos ameaça o

*Vosso afeiçoado,*

SANTOS LOPES.

S. Paulo 30 de setembro de 1852.



## O COMMUNISMO E A PROPRIEDADE.

### II.

Sim—ahi está a historia para desmentir os delirios do imaginação febris ; — ahi está ella, essa estatua d'ossos moldada pela mão do Deos ; — ahi está ella solemne e triste, solemne como uma cariatide antiga, triste como o alcabouço de um templo ; — ahi está ella, recolhendo recordações grandiosas e funebres, como a urna cineraria dos Romanos ; — ahi está ella em fim, as vezes apassamanada e brilhante, outras sombria, como o Hypogeo Egypciaco onde se guardavão mumias.

Os loucos....—rasgarão a mortalha do cadaver, e não querem que lhe vejam a sanie impura ! Apascentão os olhos no que já se foi, e negão as conclusões da experiencia ! Jungem-se ao carro do erro, e apparelhão-se para o triumpho ! Nem ao menos aparão a lide, e já se proclamão vencedores,

Fallão do passado !... Pois bem—qual foi esse passado ? foi uma derrota completa, foi uma condemnação incessante, foi a justiça aquinhoada pela providencia.

Discutamos.

Elles assignalão (os communistas são cegos) como louros immurchaveis as leis de Lycurgo : que pretendia elle ? dizem-nos — que queria cortar pela raiz as dissensões entre o rico e o pobre ; dizem-nos — que intentava firmar a independencia da cidade : dizem-nos—que tinha em fito roborar o poder politico. Foi seu primeiro dezejo, e o fim a que attingia—que deu nascimento ao communismo de Lacedemonia : era preciso abafar o rancôr motivado pela desigualdade immensa de fortuna ; era preciso amoldaçar o espirito de desunião, e o meio appareceu. Dividirão-se igualmente as terras, abolirão-se as moedas d'ouro e de prata, houve banquetes communs.

Todavia nesse systema ainda havia algum respeito á propriedade; ainda ella conservava um resto de poder—mutilárão-n'a, nullificarão-n'a; mas em verdade ella ficou sobrenadando na confusão dessas instituições barbaras; ficou sim—porque inda havia distincção entre o meu e o teu. E tanto resalta esta falha no systema de Sparta—que foi necessario encubril-a, dividindo em sua maior parte os productos agricolas. Este disfarce, assim como todos os defeitos das leis de Lycurgo, demonstrão até certo ponto a luta entre o homem que a natureza formou e o homem que a sociedade parecia pedir: — de um lado a conservação da propriedade—do outro o anniquilamento de seus effeitos.

Mas assim mesmo a historia veio confirmar os preceitos da justiça: o edificio do communismo de Lycurgo baqueou sem forças, esboroou-se ao choque da civilisação, como os muros das cidades antigas batidas pelo ariete: do seio dessa mesma sociedade reagiu-se contra o pensamento encarnado nessas instituições, e a natureza tratou de reaver seus lóros calcados.

A guerra do Peloponeso deu rebate á destruição desse templo de ferro, a riqueza acordou a cubiça—a hypocresia ao principio refolhou seus planos, occultou seus teres, e depois o sentimento da propriedade começou a erguer o collo mais forte do que nunca. Sirvamo-nos de frase alheia: das leis antigas não restou senão uma incuravel ociosidade, uma ignorancia vergonhosa, e uma profunda immoralidade nas relações dos sexos.

A propriedade alçou-se, e alçou-se valente; alçou-se, pelejando contra o fanatismo ferrenho de uma educação que tinha afogado todos os sentimentos nobres, para só deixar sobreaguar a devotação á cidade; alçou-se, pelejando contra essas instituições barbaras e carniceiras que appareição, ladeadas pelo sacrificio de miseros recém-nascidos, e pela immolação calculada e fria dos Ilotes, quando erão em grande numero; alçou-se, pelejando contra esse famoso tribunal dos Ephoros, gigante do tremenda catadura, cujo poder ameaçava tudo e cujo braço pendia sobre todas as cabeças; gigante, cuja voz soava a todos os ouvidos, e a todos terrivel e ameaçador como a sentença de morte.

Esse communismo, que eu chamarei disfarçado, cahio no tragadouro do tempo, foi devorado por si mesmo. Deixou como rastro de sua passagem a venalidade do magistrado, a impudicicia da mulher, e o exaltamento da força phisica. Seu papel foi servir de instrumento de discordia nas luctas que devião minar a terra em que brotou.

Em Creta a mesma scena—os mesmos resultados—os mesmos meios; e como não, se foi d'ahi que Sparta tirou suas leis, se ahi baptisou suas instituições?

Lá como aqui a escravidão gemia ao pé do homem que se dizia livre; lá como aqui havião banquetes publicos; lá como aqui havia obrigação indeclinavel de concorrer para a subsistencia commum—senão per-

*dia-se o direito de cidadão.* Também apresentava seu aspecto hediondo um tribunal satânico, como o dos Ephoros : era o mesmo communismo, porém mais pronunciado.

O que se devia esperar—aconteceu : a historia lavrou sua sentença, a esponja do tempo passou por sobre as leis de Minos, a verdade reapareceu luminosa, e novamente viçou. O fingimento refalsado embuçou-se—e o altar ainda existia quando o idolo já tinha sido derribado.

Para maior mal uma herança praguenta deixou o communismo. Cretença : a dessimulação e a astucia pedirão aras e incenso, o vicio e a immoralidade despertarão maior numero de adoradores, a fraude e o engano solaparão a terra de Creta.

Em Roma—quer sob o dominio dos Imperadores—quer sob a republica, a propriedade conservou-se intacta.

Não, os communistas enganão-se, si tal pretendem. A propriedade era talvez a base dessa organização terrivelmente systematica, e systematicamente fortalecida. Não erão sómente os objectos materiaes, e os escravos que se sujeitavão ao poder do homem : a propriedade extendia-se além—e a familia Romana é a chave desse mysterioso direito, que fazia da mulher e do filho uma propriedade sujeita ao pai de familias.

A familia Romana é, como diz Ortolan, uma aggregação na ordem politica, na ordem religiosa e na ordem privada :

Na ordem politica—porque os patricios dominavão os plebeos, e as familias destes estavão como que absorvidas ;

Na ordem religiosa—porque os membros de uma familia erão ligados por um culto proprio e pela obrigação de fazerem em dias certos e lugares determinados sacrificios publicos ;

Na ordem privada—porque na familia se concentrava o direito de representar a pessoa do chefe morto.

Tal é o character primitivo da familia Romana : assim pois ella tinha uma organização particular, que não podia ser explicada senão em conformidade com as circumstancias peculiares desse tempo e desse povo. E' sómente essa organização que nos dá a explicação desse direito que tinha o pai de vender seus filhos, de *noxal-os* e de matal-os, direito que o tempo depois distinguio.

As leis agrarias que symbolisão as luctas grandiosas de uma época cheia de movimento, e unicas que a alguém póde parecer um argumento favoravel aos reformadores modernos—não o são. Ahi apenas vê-se um protesto contra a dominação exclusiva dos nobres ; ahi vê-se o resultado desses laços apertados que ligavão o plebeo : a conquista era feita a custa de seu sangue, e elle não queria sancionar a usurpação das terras sem participar do seu proveito.

Onde está pois a entronisação do communismo ?

As revoluções succedem-se nessa terra de herões, as guerras retalhão esse povo de bravos, mas a propriedade fica de pé.

Os Grachos cahem, o dominio exclusivo da nobreza levanta-se ; depois vem a lucta do cavalleiro e do patricio, do nobre e do rico : é a aristocracia que se devora a si mesma, mas a propriedade fica de pé.

A espada de Mario e de Sylla corusca sobre o solo da Republica, alcatifa de cadaveres a terra da patria, mas a propriedade fica de pé.

Ficou sim, como esses carvalhos druidicos que muita vez o viajante encontra nos campos arrasados pela tempestade.

Não—a propriedade nunca foi atacada em Roma, e seria difficil de acreditar em tal, quando o povo Romano chegou, como diz um publicista notavel, a definir a justiça pela propriedade : *justitia est constans et perpetua voluntas jus suum cuique tribuendi*.

Invocar o christianismo como argumento de defesa—é procurar a luz para semear trevas, é desconhecer a sciencia dos factos, é querer acabar com as lições irrespondiveis que o tempo tem dado, e que a humanidade accertou.

Quando o Christo surgio para dominar pela fé, qual era a lei que fortificava o povo Hebreu ? Por ventura não estava elle submettido ao pulso Romano, e quaes erãõ as instituições que existião nesse tempo ? Estava a propriedade proscrita ? Não—seu principio vivia com toda a sua força, suas consequencias erãõ acceitas sem replica, a propriedade tinha raizes herculeas ; e se não—explique-se, se é possivel, essa organização da familia que existia entre o povo Hebreu : baldado seria o intento porque entre a familia e a propriedade ha um laço indissolvel, ha uma cadêa infrangivel. E' por isso—que Troplong tão bellamente explica a successão, mostrando o filho associado ao trabalho de seu pai, associação que o laço natural traduz no ardor das fadigas e no suor do cansaço.

Porque pois não encontrar nas pregações do Christo uma reprehensão a essa ordem de cousas ? Porque não fulminou elle essas instituições que sagravão a propriedade e que tinhão uma base fundamental tão forte contra os ataques do communismo ? Se essa voz poderosa e magica vinha regenerar o mundo, porque com sua palavra divina não animou as theorias dos reformadores ? Reconheçamos a significação desse silencio : é que elle não vinha mudar a lei, como claramente o manifestou, mas sim completal-a ; é que, na frase de um escriptor, não vinha revelar á terra a destruição das regras que desde a origem das sociedades presidirão as relações do homem com a natureza exterior.

Onde pois encontrar um apoio para os sustentadores do communismo ? na exaltação do celibato ? na preconisação dos que renunciassen os bens terrestres ? nas difficuldades que mostrava ao rico de obter o reino do Céu ? Mas quem tal enxergará ?—recommendar a esmola não é atacar a propriedade, não é injuriar essa companheira fiel do selvagem e do homem civilizado ; recommendar o celibato e a renuncia aos bens da terra no meio de uma época, em que a gangrena da cor-

rupção apodrecia uma grande parte do corpo social, não é senão procurar diminuir os males que affligião esse tempo.

Não—a propriedade não podia ser atacada; se o fosse, haveria contradição nas palavras d'aquelle que vinha regenerar a humanidade, seriam incompreensíveis as maximas sacratissimas que tantas vezes derramou de seus labios.

Não se proserve o adulterio onde não ha familia—e o Christo proserveu-o ; não se pede a condemnação do roubo onde não ha propriedade—o o Christo pedio-a ; não se manda honrar pai e mãe onde o filho não os pôde conhecer—e o Christo mandou-o !

Depois é preciso, como diz o escriptor que me tem servido nos factos com que argumento, distinguir no Evangelho os preceitos que se applicão especialmente á época de sua pregação, e aos homens investidos da alta missão de o espalhar—d'aquelles que constituem leis geraes e eternas. Qual era o estado das Nações no tempo em que o Evangelho principiou á espalhar suas luzes sobre a terra ? a corrupção lavrava, a depravação dos costumes grassava impia, as voluptuosidades apossavão-se do rico e do poderoso. Sem meios faccis de lograr a satisfacção de seus desejos, sem trabalho e sem adiantamento na industria, a opulencia muitas vezes assentava sobre a oppressão, a astucia e a rapina. Diante de taes factos, como concluir que a voz divina quiz, usando dessa linguagem, apregoar o communismo?

Fallarei claro : o unico facto d'onde olhos, cegados pelo fanatismo de certas idéas, podem deduzir argumentos a favor do communismo, é essa vida em commum que levavão os Apostolos, é esse regimen que existio entre elles e seus discipulos, quando o Christo desapareceu da terra. Mas quem não vê nesse procedimento altamente nobre o resultado de sua posição ? Quem não enxerga nesse meio empregado uma medida, para guardar intacta e plantar-a na terra —a semente da verdade ? Como era possivel proseguir essa missão n'um caminho, hirto de abrolhos, calçado pela perseguição, se por ventura os meios de subsistencia lhes faltassem ? Como negar ainda que aquelles, que tinham de espalhar a palavra divina, devião desligar-se da vida material e ter certo o sustento de cada dia ? E' pois forçoso concluir que foi essa conducta filha das circumstancias de sua vida, que essa instituição que presidio as suas pregações foi uma instituição temporaria, e que devia findar com as causas que lhe derão nascimento.

Aos que duvidarem—contentar-me-hei em perguntar como Alfredo Sudre : porque não foi acceto esse systema nas igrejas que depois se fundarão ?...

Se os communistas são infelizes nos exemplos que procurão nas doutrinas sagradas, a infelicidade tambem os segue quando soccorrem-se ao ascetismo. Póde elle servir de base aos sonhos desses homens que profligão a ordem actual, para sobre suas ruinas edificar o palacio orgiaco

de seus loucos devanêios? E' legitima essa analogia—entre essas reuniões de homens que se submeterão á vida commum; e ao dominio de alguns chefes, procurando aperfeiçoar sua natureza, e aquelles que hoje pretendem destruir as instituições sociaes? Examinarei com o testemunho alheio.

Os Pythagoricos, os Essenios, os Therapeutas e a vida monastica não servem para firmar as theorias reformistas da demolição. O fim, os meios, as aspirações divergem completamente.

E' por ventura a renuncia aos gozos materiaes, é a sanctificação do soffrimento e das privações, que procura o communismo? Condemna elle os prazeres, procura neste valle de miserias limpar sua alma do peccado, e erguel-a nas azas niveas da santidade? Aspira a perfectibilidade moral? Tem por ventura em vista, como diz uma penna d'ouro, destacar-se das cousas terrestres e asylar suas faculdades no Ceo? Não com as diatribes vomitadas contra a sociedade mesclão-se desejos immoderados de satisfazer necessidades physicas, de saciar gozos materiaes. Esse appello constante ao futuro visa unicamente o bem-estar—a igualdade absoluta dos bens é a causa que lhes agita o sangue e lhes asoia a cabeça.

Que paridade de circumstancias ha entre aquelles que proscreverão entre si o meu e o teu no meio de uma sociedade que o consagrava—e aquelles que pretendem anniquilal-o de todo? Estes poderão contar com os mesmos resultados? a logica o nega.

Marquem-se as distincções de uma e outra cousa—e quem poderá dizer que os homens que escolhião seus adeptos, que expellião aquelles que mostravão pouca vocação para essa vida que seguião, possam ser comparados aos febricitantes que intentão enfeixar sob a mesma lei a humanidade em peso? Se alguém póde acceitar semelhante comparação, seguramente trocou o raciocinio pelo absurdo calculado.

Os Moravos—esses devem sua existencia e sua duração ao movel religioso. O misticismo tempera sua vida, e é nessas nuvens vaporosas que bebem alentos: querer d'abi deduzir consequencias favoraveis aos communistas é apagar as raias que separão o espiritualismo exagerado do materialismo apodrecido. Occorre ainda—que nas associações dos irmãos Móravos a propriedade não foi de todo abolida—e apesar disso as regras que determinavão sua conducta entorpecerão essas naturezas e mangrarão os fructos sazonados da intelligencia.

Os Jesuitas no Paraguay não offerecem senão um quadro monotono onde a vida e a morte se confundem, como o dia e a noite; onde a personalidade humana aquebrantada nem mais resfolga; onde negreja o espectaculo acabrunhador de uma vida sem prazeres como sem dôres. Quem sabe se por isso a queda dos Jesuitas foi saudada com alegria nessa terra em que tinha ondeado seu estandarte! Quem sabe se por isso seus funeraes não tiverão prantos para orvalhar-lhes a tumba.

Do Anabaptismo, nos tempos em que verdadeiramente appareceu, porque hoje existe dividido em seita, e quasi que morto; do Anabaptismo só restão recordações terriveis: um mar desfeito de sangue alagou-lhes a estrada, abominações execraveis mancharão sua existencia, o fanatismo chegou ao ultimo gráo da loucura humana, e nos diversos periodos da vida dos Anabaptistas a verdade quasi sempre estabeleceu seu juizo, condemnando seus erros. Eu sei que a crueldade tambem nodou os vencedores; eu sei que a victoria nem sempre foi limpa de culpa; eu sei que muitas vezes os fóros da humanidade forão calcados, e o direito desconhecido; mas isso não diminue a responsabilidade que pesa sobre as cabeças delirantes desses homens malfadados.

Respeite-se a desgraça, porém não esqueção-se as lições que nos fornece a historia. O Anabaptismo foi desbaratado, e desse tronco immenso, que pretendia erguer-se n'um campo alastrado de cadaveres, não existem senão ramos sem força e sem viço, que apenas pretendem vegetar na tranquillidade e na paz.

Eis ahi o quadro de algumas das diversas applicações da vida commum, d'onde os reformadores modernos pretendem argumentar para sustentação de suas doutrinas; eis ahi alguns dos factos que eu não faço mais que colligir e apresentar em linguagem menos digna de ser lida; eis ahi esses triumphos tão decantados, que o espirito loquejante procura encontrar onde na realidade não existe. Poderia alongar este artigo com outras citações, mas elle já vai um tanto extenso; e por isso páro.

A Historia, condemnando o communismo, exprime os preceitos da razão? Eu acredito que sim, e o provarei.

Lerminier diz: — eu quero, logo eu posso: ha nestas palavras uma demonstração em germen.

*Andrada e Silva.*

---

## ATHENEO PAULISTANO.

No dia 10 do corrente em sessão ordinaria o Atheneo Paulistano encerrou os seus trabalhos por este anno; eis o discurso, que por essa occasião pronunciou o Sr. Ferreira Vianna, orador da Associação.

Senhores. — O raio violento do exterminio tinha desabado, e corrompido as grandes instituições, e as nobres aspirações do homem circumscreverão no apertado do servilismo, e do opprobrio em que tantos sublimes genios succumbirão.

Era uma classe enfatuada, e oppressora que em suas loucas pretensões sonhava que Deos lhe tinha entregado o poder de suas mãos.

Era uma classe enfatuada, e oppressora que para escravar a especie humana a prendeo em seus braços de ferro — vedou-lhe a expressão do pensamento, e a entretinha no estudo dos rituaes do claustro.

Era uma classe enfactuada e oppressora que em seu delirio religioso offerencia em sacrificio nos altares da fé — o sangue dos homens.

Um culto com taes offerendas — é sem duvida indigno de Deos, e dos homens.

Em todo esse systema de adoração — respirou o interesse. — Sim Senhores a inquisição armou a religião pura de Deos com a espada devastadora de Lucifer. Ella como arteiro espião — penetrava as portas sanctas do lar domestico — escutava os segredos intimos da familia — as palavras sinceras do amigo, estudava os usos, e a vida particular de todos — obrigava os pais a criminares os filhos, o amigo ao amigo, o confessor ao penitente, o domestico á seu amo. Era a severa da immoralidade, e tyrannia.

Nesses maldados dias o espirito humano vivia entorpecido na atmosphera empestada da hypocrisia.

O pensamento dormia no mundo silencioso da consciencia individual. O cilicio do medo, coagia o homem á não buscar nenhuma expressão material, ou social a idéa a mais pura, e proveitosa.

O Sauto Officio tinha fixado balizas á intelligencia, e interrompia qualquer progresso alem desses limites. — E a religião de Deos foi um grave impedimento para a perfeição do homem!

Ao braço forte da civilisação ella rolou o chão do desespero, e da agonia, e la expira se extorsendo nas vascas da morte.

E a liberdade rompendo as cadeias que a jungião ao fanatismo religioso — foi habitar todas as almas, exercer todos os corações, e vigorar a dignidade pessoal.

Ella armou os povos em combate de morte contra os tyrannos — e elles tremerão como as ondas ao soprar do furacão. — Abaixarão humildemente a cabeça — receberão a sua condemnação — e obedecerão.

E ella arrebanhou todas as nações. — Subio ao fastigio do governo — imperou — foi respeitada.

Todos os corações lhe dedicarão seo amor — todas as vozes lhe entoarão hymnos de gloria — ella reinou.

E a felicidade raiou brilhante, e magestosa para a humanidade — como o sol depois da procella.

E o pensamento se estendeu pelos plenos incommensuraveis da verdade. — Eis a conquista principal do espirito humano.

Não fomos nós que batalhamos, e que convencemos — forão nossos pais que nos legarão este precioso thesouro — a liberdade.

Guardemol-a intacta como nossos maioret nol-a deixarão — muito ambóra custe o nosso sangue, e nossa vida — é glorioso morrer pela sancta liberdade!

Sim, Srs. do Atheneo Paulistano não trepideis em vossas pesquisas — procurai a verdade — conquistemol-a — tendes talento, e liberdade de pensamento.

Eu bem sei que as ma's sanctas e puras concepções humanas encontram inimigos, ou invejosos.

Ao inimigo atirai-lhe na face os vossos esforços, e os nossos louros — elle pejará e ficará desarmado.

Ao invejoso deixai-o, que elle mesmo se morda, e se inviolencie pelo nosso adiantamento. —

Um e outro acabão suicidas — morrem envenenados pelas suas mesmas armas. Ninguem os acredita, e todos os desprezão.

O Atheneu Paulistano firmado sobre a base solida do amor da patria, e das lettras — terá uma vida gloriosa, e coroada de felizes resultados.

A mocidade imagem da liberdade, e independencia promette um brilhante.

Sim senhores, a posse da verdade seja vosso honroso fim, a dedicação, e vossos altos talentos o meio — que a victoria é certa — ninguem vol-a disputará.



## POESIAS.

### AO DIA 7 DE SETEMBRO.

RECITADO NA SESSÃO INAUGURAL DO ATHENEO.

#### I.

Era noite sombria! — entre a caligem,  
 Relampeando a luz, cortava as trevas;  
 Pelo infinito espaço rouco brado  
 Soava do trovão, — de levadia,  
 Como se a voz de Deos alçasse as vagas,  
 O mar se erguia acastellado e feio!  
 Era noite sombria! — o vento iroso

Mugia como o touro—e, alem folgando,  
 Feroz himpa de orgulho, e mil estragos  
 Holocausta à vingança em nuvens igneas ;  
 Trôa o oceano em grita prolongada,  
 E, como oatr'ora de Moyses ao mando,  
     As aguas se dividem !

Então eu vi no abysmo um movimento  
 No hervaçal apaulado que assentava  
 Em campina labrusca ; no hirto gêlo  
 Um cadaver formoso a sós dormia,  
 Como a onda do mar sobre outra onda :  
 Tinha o cabello negro e corredio,  
 Tirava a côr da face á nuvem triste  
 Que avermelhou do céu a luz cadente.  
 Na hispida laseira da desgraça  
 Talvez morreu...—mais longe no folguedo  
 De uma orgia infernal sorria um vulto,  
 Já velho d'annos e chupado o rosto,  
 —Lentando os passos no dansar medonho ;  
 —Qual lamia negra phosphorando os olhos !  
 No ardente rapto d'alma ouvi suave  
 Parenetica voz romper dos ares,  
 E um anjo vi rasgando o azul celeste....  
     Pasmei—e a voz fallou !

## II.

Que fazes ? que fazes ?—no leito dormida  
 Algemão-te ferros, descanças no pó :  
 Acorda, não durmas—sacode essas vestes,  
 O leito abandona cuberto de dó !

Que fazes ? que fazes—a rama virente  
 Balança o coqueiro no sopro da aurora ;  
 Hysopão-lhe as nuvens do céu pluvi-aureas  
 —E o vento sussurra por mares em fora !

Não sentes ? batendo do peito nas arcas  
 Em loucos palpites o teu coração ?  
 Não sentes ? não falla no tumulo frio,  
 Nos gêlos da terra fervente vulcão ?

Não ouves ? librada na audaz ventania,  
 Que desce dos Andes—a voz do condor ?

E' nuncio mais certo que o som do mysterio,  
Cantando grandezas na voz do Thabor !

Não vês ? Estais cega ?—rolada espadana  
Rugosa cascata do cimo do monte ?  
Pois falla—responde : quem treme covarde  
Aos rabidos raios do rubro horisonte ?

Calada ! calada ! teu somno ferrenho  
Quem hade com força, com brio quebrar ?  
Os uivos das fêras, o tombo dos astros,  
O canto das aves, os roncões do mar ? !

### III.

E a natureza ergueu-se ! — pelos ares  
Reboou, qual pegão pela floresta,  
Mavorecia hosana pregoando a gloria !  
A liberdade exulta coroada ;  
Ja na immortal collina fluctuante  
Hastea-se o estandarte da victoria !  
Desaba em terra o edificio harto  
Da tyrannia vil—e do sudario  
Que amortalhava esse cadaver vivo  
Talhou-se uma bandeira....—somos livres !  
Hervados peitos, venenosas settas  
Ja não tememos, não ! — por throno eterno  
Montanhas temos, topetando os astros,  
—E para hymnos soltar a nossos feitos  
O fragor do Amazonas —que hade ovante  
Cantar a liberdade....—somos livres !  
E' ja mui tarde ; —embalde afião gladios,  
Embalde arrancão da hastilheira as lanças,  
Regonga em vão a astucia e a ira ruge !...  
Quando o braço de Deos marea uma raia  
As humanas Babeis ruem por terra.  
Póde o sangue alagar campos immensos;  
Póde bramir a raiva —e as aguas todas  
Coalharem sangue—a espedaçar nas praias ;  
Póde a terra molgar o pezo horrivel  
De golpeados corpos, pranto d'alma  
Amplios vasos encher pode abundante...  
Mas em troca de tudo escripta existe  
Na terra inteira a liberdade sancta :  
Existe nas ruinas carcomidas

Das antigas cidades — das columnas  
 Derrocadas do templo; existe ainda  
 Nas sombras mudas que solemnes contão  
 O que Roma ja foi, qual era Athenas !  
 Na grave densidão das mattas virgens.  
 Onde livre o tufão espana as azas,  
 —Nos campos da batalha. onde expirando  
 Cada guerreiro morto é vivo exemplo  
 De que escravos não ha—que a morte é livre !

#### IV.

De perfumada myrrha em nevoeiros  
 Alou-se o anjo, percorrendo os ares ;  
 Subio....subio...—e alem gravou potente  
 Sobre a face do sol co'a mão divina  
 Esta inscripção—INDEPENDENCIA OU MORTE !

*Andrada e Silva.*

---

## AO DIA 7 DE SETEMBRO.

(RECITADA NA SESSÃO INAUGURAL DO ATHENEO.)

Terra de minha patria á ti meu canto  
 Que eu temperei-o á voz da liberdade.  
 Ouvio-o na cimeira das montanhas  
 Onde as agoas desrolão niveos pannos  
 Que rução alcantis de feras rochas.  
 Ouvio-o o farfalhar entre as palmeiras  
 Que os leques abanavão sussurrantes.  
 Busquei-o nas estrellas que juntando-se  
 Em flammantes devisas o escrivião.  
 No topo do rochedo—na floresta  
 Entre as ruas cochleadas da ramagem  
 Em auri-verdes letras estampado.  
 Terra de minha patria a ti meu canto  
 Que o seio alvorotado... o estro incende-se,  
 E poisado nas azas corredouras  
 Da ventania infrene a musa vôa.

## II.

De Babylonia antiga os altos muros,  
 E os jardins que suspensos baloiçavão  
     A embalsamar o olfacto,  
 Os palacios regaes.... as aureas taças  
 Que nos festins ruidosos retinião  
 A sentença lavrando de seus erros  
 Em cinzas esbroarão-se—e a memoria  
 Com sorriso sardico repete  
     Morrerão os escravos  
 De Roma no recinto augusto e sancto,  
 Sob agudo punhal de um assassino  
 Gracco tombou.... e morta a liberdade  
 A rainha coroou-se ante os vassallos.  
 Da Grecia emmudeceu a lyra altiva  
 Que nos jogos olympicos soava  
     Pulsada p'lo Thebano.  
 Na Grecia se alcando rão minarettes  
 E do Sultão entulhão os serralhos  
     As hellenicas virgens.  
 Cabellos desgrenhados.... joelho em terra,  
 A face desbotada, o labio morbido  
     Lagrimēja a Polonia ;  
 E os olhos fitos, sem poder voltar-se  
 A patria segue que definha e morre !  
 E baixa a fronte e os pulsos se affeição  
 Sob os ferreos grilhões do Moscovita.

## III.

E contente surria o despotismo,  
     Dos feitos gigantéos,  
 E os olhos revolvendo rubro-negros,  
 Buscou por longo espaço as verdes messes  
     Da terra promettida.  
 Fitou-a longo tempo e de prazer  
     Os dentes lhe ranjerão ;  
 E vendo-a tão formosa, limpou-lhe o seio,  
 Que decepado tronco inda sonhára  
     Um beijo de odalisca.  
 Apertou-a nos braços descarnados,  
     Sentio-lhe o palpitar ;  
 E ebrio enlouqueceo de sua ventura,

E prostrado cahio.... beijou-a poeira,  
Nem ha de levantar-se.

## IV.

Como eras linda, ó patria minha amada,  
A cor morena á transudar encantos,  
E a trança tombando nas espaldas,  
E os olhos salpicados com teus prantos.

A sombra da mangueira adormecida,  
A palpebra entre-abrios magoada,  
E do seio offegante te escapava  
Dorida endeixa aos céos alevantada.

Os olhos alongavas no horizonte,  
E tudo te dizia : Liberdade !  
Ai ! que motejo eterno a pobre escrava  
Que tem para escutal-o a soledade.

## V.

Escrava !—e retumbou um brado afflicto,  
Qual soturno marulho de ondas bravas  
Refervendo em caixões ao longe sóa ;  
E o écho repetia : escrava..... escrava.

E as virginias mattas se abalarão,  
O harto Jequitibá batendo os ventos  
Alto grito soltou ;  
Os montes estrondarão balroados,  
E as féras uivarão..... e o sol toldou-se  
De nigrentes caligens,  
Levantou-se a donzella sacudindo  
A melena que os hombros lhe varria,  
Ergueu-se.... e o porte alt'roso impertigando  
E desprendendo a vóz forte e sonora :  
Sou livre exclama.

E como no deserto remoinhão  
Areias levantadas em castellos  
Ao sopro do Simoun,  
Da terra do Brasil se alçarão hardidas  
As hordas vicejantes de seus filhos  
E a patria libertarão.

E a noite esvaeceu-se.... a aurora surge  
De abrilhantados soes ajaezada ;  
E livre a patria n'um amplexo infindo  
Os filhos abraçou.

*A. C. R. de Andrada Machado e S.*



## ESVAECEU-SE.

Nunca mais volverão tão bellos dias  
Não me queixo de ti—choro meu fado.

SILVEIRA DE SOUZA.

Esvaeceu-se !... era apenas uma sombra.  
Meus doces sonhos em qu'eu via um anjo—  
Meus amores tão puros—tantos annos  
De illusões tão suaves,—e um futuro  
Tão lindo como um riso de seus labios  
Esvaeceu-se,—era apenas nma sombra.  
E tudo que scismei—tantos prazeres—  
As minhas esperanças que affagavão  
Meu pobre coração, .... tudo sumio-se  
Ja não tenho senão minhas saudades  
Do tempo que lá foi...e dolorosas—  
Pungentes como a lagrima do martyr—  
Como a dor que não tem mais lenitivo—  
Como o triste gemer do penitente  
Nas horas do remorso—agonisado.—  
Oh ! que saudades ! ... Si sonhava á noite  
Eras tu quem eu via nos mens sonhos—  
Quem chegava-me os labios á meus labios—  
Quem n'um beijo dizia-me—eu te amo:—  
Consagrava-te as horas da vigilia  
Dedicava-te a vida de minha alma ; —  
Eras tu meus alegres pensamentos  
Meus extasis—transportes—meus arroubos —  
Meus risos descuidosos de ventura.—  
Oh ! que saudades ! ... Stavamos n'um baile ;  
Na curva de meu braço docemente

Tua mão-sinha de neve descansava—...  
 Passeiamos a sós durante um' hora.—  
 Donzella ja de tudo te esqueceste ? !.  
 Nem te lembras sequer quando meditas  
 Minha ingrata adorada—arrependida ? !.  
 Talvez as vozes que innocentes cria  
 Fossem falsarias—mas, porque tão tremulas ?  
 Talvez os labios que julgava d'anjo  
 Mentissem—mas coraste de pudores !  
 Talvez zombasses—não,—tinhas ciumes—  
 Não se finge, donzella, em juramento—  
 Não se illude zombando a quem duvida.—  
 Pudesse crêl-o que feliz seria —  
 Feliz de te suppor—ja corrompida  
 Nos salões doudeijando — quando amei-te  
 Oh ! que saudades ! . . meus unicos amores  
 Meus sonhos que eu sonhava desde a infancia—  
 Uns sorrisos de amor que ella me dava—  
 As queixas que seus olhos me fazião,  
 Ella,—meu Deos— um anjo de innocencia  
 Tão linda me assenando de um futuro  
 Que a mente me pintava envolto em risos,  
 Tudo passou — foi nuvem de prazeres,  
 Esvaeceu-se, — era apenas uma sombra.

LEONEL D'ALENCAR.

## LA' SE FOI.

La se foi minha esperança,  
 E não deixou-me em lembrança  
 Mais que um passado vasio.  
 O futuro que eu sonhava,  
 E de gallas se trajava,  
 Tornou-se cadaver frio.

Sumiu-se a radiante estrella  
 Qu'eu tinha nos olhos d'ella  
 A prender-me o coração.  
 Hoje vagueio sem norte,  
 Esperando pela morte

—Minha só consolação.

Rala-me o peito a saudade  
 D'aquella linda beldade,  
 Que sorveu-me todo o amor.  
 E a saudade vae sumindo,  
 Vae ligeira consumindo  
 De minha vida o calor.

Cobre o lucto o sentimento,  
 E tambem o pensamento  
 A côr da noite reveste.  
 Nem o sol já me allumia,  
 Tudo p'ra mim se annuvia,

Mesmo o dia lucto veste.

—  
Tirae-me, Senhor, a luz,  
E desprende-me da cruz,  
A que me tendes pregado.  
Se por meus erros padeço,  
Vosso perdão já mereço  
—Muito ja tenho penado.

.....  
.....  
Lá se foi minha esperança,  
E não deixou-me em lembrança  
Mais que um passado vasio  
O futuro qu'eu sonhava,  
E de gallas se trajava  
Tornou-se cadaver frio.

SANTOS LOPES.

## CABELLOS LOIROS!

Uns cabellos loiros, loiros  
Como os teus, eu nunca vi,  
Um olhar tão terno assim  
Como o teu, nunca senti!

Muitos risos de meiguice  
Ha pelo mundo espalhados;  
Mas tão meigos como os teos  
Eu nunca vi nem sonhados;

Teos olhares enfeitição  
Teo sorrir faz alegrar;  
Mas cabellos loiros, loiros  
Como os teos, podem matar!

Dá-me, donzella, um só fio,  
Um só fio d'esses oiros,  
Quero ter na eternidade  
Teus cabellos loiros, loiros!

VIEIRA DE MATTOS.

## ERRATA

No discurso do Sr. Ferreira Vianna pronunciado em 7 de setembro.  
Na pag. 30, linha 40, diga-se 1793 em lugar de 1803.

Na refutação do artigo: Deos está sujeito á condição do tempo.

Na pag. 47, linha 32, diga-se—tantas difficuldades, em vez de em tantas etc.

Na pag. 48, linha 5, diga-se—É certo—em lugar de—E certo.

Na mesma pag., linha 13, diga-se—il s'accroit sans cesse.

Na mesma pag., linha 38, diga-se—que avançaís—ninguem.

Na mesma pag., linha 41, diga-se—e que o é por ser precipitado.

Na pag. 49, linha 23, diga-se—de posse da verdade.

No discurso pronunciado no encerramento do « Atheneu Paulistano. »

Na pag. 70, linha 6, lea-se—no apertado horisonte etc.

Na pag. 71, linha 1.ª, diga-se—que para escravisar.

Na mesma pag., linha 14, diga-se era a severa imagem etc.

Na mesma pag., linha 27, diga-se—animar todos os corações.

Na mesma pag., linha 30, diga-se abaixarão humildemente etc.

Na mesma pag., linha 40, diga-se—e que vencemos

Na pag. 72, linha 2, diga-se—conquistai-a.

Na mesma pag., linha 5, diga-se—vossos louros.

Na mesma pag., linha 7, diga-se—e se encolerise.

Na mesma pag., linha 15, diga-se—um brilhante futuro.